



**INSTITUTO FEDERAL CATARINENSE
CAMPUS BLUMENAU
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA**

SIMONE VOLTOLINI OLCZYK

**(RE) CONSTRUINDO OLHARES: CAMINHOS METODOLÓGICOS PARA
CONHECER OS JOVENS DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO**

Blumenau
Junho de 2020

SIMONE VOLTOLINI OLCZYK

**(RE) CONSTRUINDO OLHARES: CAMINHOS METODOLÓGICOS PARA
CONHECER OS JOVENS DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo *campus* Blumenau do Instituto Federal Catarinense, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Orientadora: Dra. Inge Renate Fröse Suhr

Blumenau
Junho de 2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática do ICMC/USP, cedido ao IFC e
adaptado pela CTI - Araquari e pelas bibliotecas do Campus de Araquari e Concórdia.

o42(olczyk, Simone Voltolini
(RE) CONSTRUINDO OLHARES: CAMINHOS METODOLÓGICOS
PARA CONHECER OS JOVENS DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO /
Simone Voltolini olczyk; orientadora Inge Renate Fröse
Suhr. -- BLUMENAU, 2020.
116 p.

Artigo (artigo) - Instituto Federal Catarinense,
campus Blumenau, Mestrado Profissional em Educação
Profissional e Tecnológica, BLUMENAU, 2020.

Inclui referências.

1. Educação Profissional e Tecnológica. 2. Ensino
Médio Integrado. 3. Educação Integral. 4. Juventude.
5. Adolescência. I. Suhr, Inge Renate Fröse . II.
Instituto Federal Catarinense. Mestrado Profissional
em Educação Profissional e Tecnológica. III. Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL CATARINENSE
BLUMENAU - C.C. P.G. EDUCAÇÃO PROFISSIONAL TECNOLÓGICA

DOCUMENTOS COMPROBATÓRIOS Nº 10935/2020 - CCPGEPT (11.01.18.63)

Nº do Protocolo: 23348.003972/2020-82

Blumenau-SC, 26 de junho de 2020.

SIMONE VOLTOLINI OLCZYK

(RE)CONSTRUINDO OLHARES: CAMINHOS METODOLÓGICOS PARA CONHECER OS JOVENS DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo Instituto Federal Catarinense, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre/Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Aprovado em 18 de junho de 2020

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Inge Renate Frose Suhr

Instituto Federal Catarinense

Orientador

Prof. Dr. Cladecir Alberto Schenkel

Instituto Federal Catarinense

Prof. Dr. Gabriel Grabowski

Universidade Feevale

(Assinado digitalmente em 26/06/2020 11:42)

CLADECIR ALBERTO SCHENKEL

PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLÓGICO

ASSER/REIT (11.01.18.84)

Matrícula: 2095330

(Assinado digitalmente em 29/06/2020 16:29)

INGE RENATE FROSE SUHR

PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLÓGICO

CCPGEPT (11.01.18.63)

Matrícula: 2333140

10935, ano: 2020, tipo: **DOCUMENTOS COMPROBATÓRIOS**, data de emissão: **26/06/2020** e o código de verificação:
2e202a5b00



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL CATARINENSE
BLUMENAU - C.C. P.G. EDUCAÇÃO PROFISSIONAL TECNOLÓGICA

DOCUMENTOS COMPROBATÓRIOS Nº 11125/2020 - CCPGEPT (11.01.18.63)

Nº do Protocolo: 23348.004021/2020-21

Blumenau-SC, 29 de junho de 2020.

SIMONE VOLTOLINI OLCZYK

(RE)CONSTRUINDO OLHARES: CAMINHOS METODOLÓGICOS PARA CONHECER OS JOVENS DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO

Produto Educacional apresentado ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo Instituto Federal Catarinense, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre/Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Validado em 18 de junho de 2020.

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Inge Renate Frose Suhr

Instituto Federal Catarinense

Orientador

Prof. Dr. Cladecir Alberto Schenkel

Instituto Federal Catarinense

Prof. Dr. Gabriel Grabowski

Universidade Feevale

(Assinado digitalmente em 30/06/2020 10:42)

CLADECIR ALBERTO SCHENKEL

PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLÓGICO

ASSER/REIT (11.01.18.84)

Matrícula: 2095330

(Assinado digitalmente em 29/06/2020 17:45)

INGE RENATE FROSE SUHR

PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLÓGICO

CCPGEPT (11.01.18.63)

Matrícula: 2333140

ae8c7c798

Dedico este trabalho:

Ao Vilmar, por fazer parte do meu mundo, companheiro fundamental em minha vida.

Às minhas filhas Eduarda e Ana Luisa, fontes de amor e aprendizados.

AGRADECIMENTOS

A professora Dra. Inge Renate Fröse Suhr, orientadora, que através de seu conhecimento, sensibilidade, serenidade me ajudou nesta caminhada, suas contribuições enriqueceram esta pesquisa. Cada fase deste projeto só foi alcançada por de seu apoio. Muito obrigada!

À banca qualificação, professores Dr. Cladecir Alberto Schenkel e Dr. Gabriel Grabowski, pelas contribuições valiosas para aperfeiçoamento desta pesquisa.

À Direção Geral do IFC *campus* Blumenau, por apoiar a capacitação dos Técnico-Administrativos em Educação.

Aos professores do ProfEPT - Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica do IFC.

Aos colegas de mestrado pela troca de experiências, para o mestrado e para a vida, de modo especial aos momentos do “café.”

Aos estudantes e docentes do IFC *campus* Blumenau, participantes da pesquisa, pela disponibilidade e colaboração.

À Flávia Regina Back, servidora do IFC *campus* Blumenau, meu agradecimento especial pela disponibilidade em me ensinar a usar o *Google forms*.

A Péricles Rocha da Silva e Sara Nunes, por disponibilizarem momentos em suas aulas para a aplicação dos questionários com os alunos pesquisados, foram contribuições imprescindíveis para realização de minha pesquisa.

A todos que contribuíram para a concretização deste objetivo pessoal e profissional, muito obrigada!

Qualquer projeto surge de uma ideia que brota ao mesmo tempo na cabeça e no coração de quem a pensa. Nasce, geralmente, da observação da realidade e se alimenta da visão que projetamos no futuro, na qual essa realidade se apresenta transformada" (SERRÃO e BALEEIRO, 1999).

RESUMO

Historicamente a educação brasileira é marcada pela dualidade estrutural, com escolas e/ou cursos dirigidos aos que usam sua força de trabalho na construção da vida e da riqueza e outros, destinados às elites dirigentes. A luta contra essa dualidade na educação é permanente e contra hegemônica, tendo por objetivo favorecer a transformação da sociedade. A educação integral, uma das colunas de sustentação do ensino médio integrado à Educação Profissional e Tecnológica, é parte importante desta luta e, por isso mesmo, deve ter como foco o estudante, compreendido como sujeito historicamente situado, dialeticamente determinado e determinante da realidade em que vive. Compreendendo a formação integral como horizonte a perseguir, a pesquisa ora relatada está vinculada a linha de pesquisa de Formação de Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica (EPT), macroprojeto Propostas metodológicas e recursos didáticos em espaços formais e não formais de ensino na EPT. Com características de pesquisa-ação de caráter qualitativo, se constituiu com o objetivo de proporcionar, por meio da elaboração de uma sequência didática, estratégias que possam ser utilizadas pelos docentes atuantes no ensino médio integrado à educação profissional para melhor conhecerem os jovens com os quais atuam. Após a elaboração de um referencial teórico que permitisse interpretar os dados coletados, ocorreu a aplicação de questionário a estudantes e professores de primeiro ano de ensino médio integrado da instituição *locus* da pesquisa. Buscou-se compreender as semelhanças e diferenças desses dois grupos em relação às seguintes temáticas: i. quem é o estudante, do que gosta, o que valoriza; ii. como este estudante está vivenciando o ensino médio integrado à EPT; iii. quais seus sonhos e projetos para o futuro. Os dados coletados demonstraram que realmente há diferenças marcantes entre a forma como os estudantes e seus professores compreendem essa etapa da vida, reforçando a importância da sequência didática, formato eleito para o produto educacional. A aplicação da sequência didática ressaltou as potencialidades de seu uso para aproximar a percepção dos professores às realidades vividas pelos jovens. Por fim, o estudo reforçou a importância do aprofundamento teórico para compreender, tanto as realidades vividas pelos estudantes quanto as dos docentes.

Palavras-Chave: Educação Profissional e Tecnológica. Juventude. Adolescência. Ensino Médio Integrado. Educação Integral.

ABSTRACT

Historically, Brazilian education has been marked by duality. It is a country with two kinds of schools: one intended for those who use their workforce to ensure their life needs while trying to accumulate wealth, and another destined for those who are educated to become members of the ruling elite. The struggle against this duality in education is permanent and counter-hegemonic, having as its objective to promote the transformation of society. Integral education, a pillar of vocational and technological education integrated into high school curricula, is a key part of this struggle and, as such, must be focused on its students. These students should be seen as historical subjects that are dialectically determined and also determinants of their lives. With the understanding of integral formation as a horizon to be sought, the research related in this document is linked to the research line named Training in Educational Practices on Vocational and Technological Education. It is part of the macro-project Methodological Proposals and Teaching Resources on formal and non-formal teaching spaces in Vocation and Technological Education. By using the research-action method, a teaching program was created. The teaching program contained strategies that could help teachers who teach Vocation and Technological Education integrated into the High School curriculum learn more about their students. After the elaboration of a theoretical background that enabled the data to be interpreted, a survey has been applied to teachers and students from the first year of the institution's high school course on which this research was carried out. The intention was to understand the differences and similarities between these two groups in the following subjects: I: Who is the student? What things does he appreciate? What does he value?; II: How is this student experiencing vocational and technological education integrated into the high school course he is attending? What are his plans and projects for the future? The data collected shows that teachers and their students view this stage of life in very peculiar ways. This fact reinforces the need for the teaching program we have created. The teaching program was the shape we chose for our educational product. In its application, it underlined the potential of its use to get teachers closer to their students, allowing the first to know more about their students' lives. Finally, the study enforced the importance of theoretical development to deepen understanding of both teachers' and student's lives.

Keywords: Vocational and Technological Education integrated into High School. Middle Adolescence. Integrated Vocational School Program.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CGE - Coordenação Geral de Ensino

CEPSH - Comitê de Ética em Pesquisa do IFC

DEPE - Direção do Departamento de Ensino Pesquisa e Extensão

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente

EM - Ensino Médio

EMI - Ensino Médio Integrado

EP - Educação Profissional

EPT – Educação Profissional e Tecnológica

IFC - Instituto Federal Catarinense

IFs - Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

PDF - *Portable Document Format* (Formato Portátil de Documento)

PDI - Plano de Desenvolvimento Institucional

ProfEPT – Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica

RFEPCT - Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica

SD – Sequência Didática

SETEC - Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica

SISAE - Serviço Integrado de Suporte e Acompanhamento Educacional

TCLE - Termo de consentimento livre e esclarecido

UFF - Universidade Federal Fluminense

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

UFPR - Universidade do Paraná

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	15
1 INTRODUÇÃO	21
2 PERCURSO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA (EPT) NO BRASIL	24
3 EDUCAÇÃO INTEGRAL, DO QUE ESTAMOS FALANDO AFINAL?	29
4 ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE: UMA BREVE REFLEXÃO	31
4.1 Adolescência	31
4.2 Juventude(s)	33
5 METODOLOGIA	37
6 DISCUSSÃO E APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	41
7 VALIDAÇÃO E APRESENTAÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA	46
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS	52
APÊNDICE A - Questionário de coleta de dados - alunos	59
APÊNDICE B - Questionário de coleta de dados - Docentes	66
APÊNDICE C - Questionário de validação produto educacional	72
APÊNDICE D - Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE)	73
APÊNDICE E - Termo de assentimento - Discentes	76
APÊNDICE F - Produto Educacional	79

APRESENTAÇÃO

Este relatório de pesquisa, escrito como parte das atividades do Mestrado no Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Catarinense – *campus* Blumenau, vem relatar a metodologia desenvolvida para coletar os dados e, o referencial teórico que fundamentou as análises e, a partir delas, o produto educacional elaborado.

A proposta de pesquisa se insere na linha de pesquisa de Formação de Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica (EPT), macroprojeto Propostas metodológicas e recursos didáticos em espaços formais e não formais de ensino na EPT.

O ProfEPT, inserido na de Área de Ensino na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), é um mestrado profissional e possui como pré-requisito a produção de um produto educacional, além da escrita do artigo relatando o processo e os resultados da pesquisa. Isso porque o objetivo do Mestrado profissional é construir pontes entre o conhecimento acadêmico e sua aplicação para a sociedade. A escolha da tipologia, seguindo o que determina o documento da área de Ensino citado acima, foi a elaboração de um produto educacional do tipo **Propostas de Ensino**, categoria **Sequência Didática** (SD), a ser disponibilizado em arquivo PDF e também postado na plataforma EduCapes.

Dito isso, cabe citar que toda pesquisa fala, de certo modo, de quem somos e de onde “olhamos” o mundo. Por isso, é relevante relatar que a pesquisadora atuou em um setor dedicado ao atendimento dos estudantes, vivenciando situações que muitas vezes se resolvem após o simples ato de escutar o aluno, uma prática que deveria ser comum dentro da escola, mas que nem sempre se efetiva. A vivência nesse setor permitiu observar que apesar das ações já empreendidas para ouvir o aluno, ainda é pouco o que se faz na escola para viabilizar aos estudantes no sentido de os professores compreenderem suas vivências, anseios, dificuldades e potencialidades. Essa experiência foi o elemento disparador da problemática que originou essa pesquisa.

Na escola em questão os estudantes podem se manifestar através do grêmio estudantil, pelos representantes de turma e no pré-conselho de classe, além de terem liberdade para conversar com seus professores, a Direção Geral, Direção do Departamento de Ensino Pesquisa e Extensão - DEPE, Coordenação Geral de Ensino – CGE, coordenadores de cursos e Serviço Integrado de Suporte e Acompanhamento Educacional – SISAE.

Apesar da existência de diferentes espaços nos quais os estudantes podem se fazer ouvir, seus relatos indicam que ainda persistem dificuldades no sentido dos docentes os compreenderem para além de seu papel de “aluno”, ou seja, tendem a considerar o aluno como ser genérico, como se todos os jovens vivessem as mesmas experiências e sua única atividade fosse estudar. Há uma predisposição destes profissionais em fazer comparações com a juventude vivida por eles mesmos e as condições de vida e vivências dos jovens atuais são pouco consideradas e/ou compreendidas. Aparentemente pouco se percebe o jovem como ser social no presente e sim, como “vir a ser”, e, portanto, sem identidade.

Levando em consideração este contexto, pressupõe-se que parte das dificuldades com as quais lida o setor de atendimento ao estudante, bem como as dificuldades no processo ensino-aprendizagem, poderiam ser minimizadas se os professores conhecessem melhor seus alunos. Isso porque, **a hipótese que direciona esse trabalho é que os professores tendem a compreender o estudante do ensino médio integrado à EPT de maneira genérica, sem compreendê-lo como sujeito de uma sociedade historicamente situada.**

Segundo o Decreto 5154/2004 a articulação entre a educação profissional técnica de nível médio e o ensino médio pode se dar de forma integrada (Par. 1º, Inc. I). A palavra integrar significa tornar íntegro, e, no caso do ensino médio integrado o que se busca é também a união entre a educação geral e a educação profissional (EP). A formação integral se contrapõe à histórica dualidade estrutural da educação brasileira, que prepara os filhos dos donos dos meios de produção para as funções dirigentes, e os filhos dos trabalhadores para funções de execução. Tem como objetivo ofertar a todos, indiferente de origem de classe, uma formação completa para a interpretação do mundo, permitindo que exerçam sua condição de cidadãos no sentido mais amplo do termo (CIAVATTA, 2008).

No âmbito desse trabalho a EPT integrada ao ensino médio é compreendida como uma proposta comprometida com a formação integral de seus alunos, tendo

como pressuposto a necessária articulação da instituição escolar com os jovens que a frequentam (CIAVATTA, 2008). É indispensável que a escola leve em consideração quem são os jovens, compreendendo a multiplicidade de fatores que os levam a viver essa etapa da vida de um ou outro modo, bem como as interpretações que fazem da realidade.

Mas, para parte dos professores, o jovem que frequenta o ensino médio é visto somente em sua dimensão de aluno, naturalizando e homogeneizando suas ações e forma de vida. Aspectos como sua fase da vida, origem social, gênero e demais peculiaridades não são consideradas, os alunos são vistos pelos professores como algo a parte da escola, nesse entendimento pouco se aprende sobre os reais sujeitos que frequentam a escola (LEÃO, DAYRELL e REIS, 2011). Essa visão naturalizada impede que eles compreendam seus alunos como sujeitos historicamente situados.

Importa esclarecer que a proposta do ensino médio integrado a EPT preconiza como um de seus pilares a formação integral, que tem melhores possibilidades de concretização quando o estudante é parte ativa, presente neste processo. Para tal, o jovem estudante precisa ser reconhecido como um sujeito histórico, com medos, desejos, expectativas, sonhos, e não como uma massa homogênea, sujeita à ação da escola. Conhecer o estudante, compreender como ele vivencia a juventude, em que condições, com quais limitações, com quais projetos de futuro é, portanto, um elemento potencializador da educação integral, já que estudantes e professores são parte do processo e atores fundamentais para que ela se concretize.

É importante em qualquer pesquisa, buscar contribuições de outros autores que culminem em domínio teórico-conceitual das principais categorias que permitem apreender o objeto. Considerando que este trabalho desembocará, com base em pesquisa, em sugestões de estratégias que possam ser utilizadas pelos professores para melhor conhecerem os jovens com quais atuam, três temas são considerados centrais no que tange à fundamentação teórica: Educação Profissional e Tecnológica – EPT, Educação Integral e juventude/adolescência.

As buscas pelo referencial teórico sobre a EPT e educação integral se deram a partir dos estudos realizados na disciplina Bases Conceituais para a Educação Profissional e Tecnológica, cursada no primeiro semestre do curso (2018/2) no programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT). A

disciplina, segundo sua ementa, busca propiciar a compreensão sobre a rearticulação entre trabalho e educação para formação humana integral ou omnilateral, considerando o ensino médio integrado como travessia para a politecnicidade, compreendida por Ramos (2008) como uma “concepção de formação humana, com base na integração de todas as dimensões da vida no processo formativo” A partir desse contato inicial com os temas da disciplina foram se abrindo novas possibilidades teóricas e conceituais, principalmente com a busca e aprofundamento no referencial bibliográfico utilizado pelos autores trabalhados durante todo o semestre de 2018/2.

As buscas pelo referencial teórico relativo ao tema juventude inicialmente se deram em três sites: Observatório da Juventude da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)¹, Observatório do Ensino Médio da Universidade do Paraná (UFPR)² e Observatório Jovem do Rio de Janeiro, Universidade Federal Fluminense (UFF)³.

Tais pesquisas permitem fazer eco com Dayrell e Carrano (2014) quando afirmam que refletir sobre temas que envolvam os jovens pode auxiliar que cada professor construa, junto com seus alunos, um perfil cultural, social e afetivo dos estudantes com os quais atua.

A busca neste trabalho é possibilitar uma reflexão sobre os temas que envolvem as juventudes que estão frequentando o ensino médio. Para realizar a coleta de dados o instrumento escolhido foi a utilização de entrevistas grupais (grupos de discussão) com os estudantes de 1º ano de ensino médio de um *campus* do Instituto Federal Catarinense – IFC. Infelizmente o número de interessados foi mínimo, o que se justifica pelo fato que os grupos de discussão seriam realizados

¹ Sua atuação se dá no contexto das políticas de ações afirmativas, são quatro eixos centrais: a condição juvenil nas sociedades contemporâneas; as políticas públicas e as ações sociais voltadas aos jovens; as práticas culturais e as ações coletivas da juventude na cidade e a construção de metodologias de trabalho com jovens.

² Seus objetivos são reunir estudantes, educadores e pesquisadores que tenham interesse em compartilhar ideias, temas e pesquisas sobre ensino médio, juventude, suas relações com a escola e com o mundo do trabalho.

³ Se caracteriza como um grupo de estudo, pesquisa e extensão sobre o tema juventude. Uma das ações desenvolvidas e que merece destaque é o Projeto Diálogos com o Ensino Médio, que busca o diálogo entre as temáticas do ensino médio e juventude para subsidiar a elaboração, implantação e monitoramento de políticas públicas que atendam com qualidade o público jovem no espaço da escola pública.

fora do horário de aula, nos poucos momentos livres que estes estudantes têm. Vale lembrar que os sujeitos da pesquisa são alunos do ensino médio integrado à Educação Profissional e Tecnológica (EPT), e na escola em questão as atividades escolares acontecem em período integral, sendo os momentos sem aula utilizados para estudos, atividades particulares, atividades esportivas e descanso.

Tendo em vista a baixa adesão, a estratégia e o instrumento de coleta de dados precisaram ser alterados, mas o objetivo proposto na pesquisa continuou o mesmo. Desta maneira, para conhecer os alunos foram elaborados questionários (contendo questões abertas, fechadas e de múltipla escolha), um respondido pelos estudantes de 1º ano e outro, por seus professores.

Com base nos resultados, a primeira versão do produto educacional, a sequência didática (SD) intitulada “(RE)CONSTRUINDO OLHARES: CAMINHOS METODOLÓGICOS PARA CONHECER OS JOVENS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO” foi readequada, os resultados colaboraram para que houvesse uma melhora nas técnicas abordadas na SD com o intuito de aproximar a visão de docentes sobre seus estudantes das vivências reais destes.

A escolha da SD como produto educacional se deu pela compreensão que este tipo de material atende ao objetivo desta pesquisa, que foi de fornecer um instrumento metodológico no qual o professor encontre estratégias que possam ser utilizadas para melhor conhecer os jovens com os quais atua.

Mesmo que a realização de um questionário no início de cada ano letivo, aplicado por qualquer pessoa, possibilitasse levantar informações sobre quem os alunos são, defendemos que se o professor buscar conhecer seus alunos por meio de estratégias interativas, por ele orientadas, pode abrir espaço para a criação de um vínculo positivo do aluno com a escola e com o próprio professor e, com isso, favorecer a aprendizagem. A proposição de uma SD que sugira um caminho por meio do qual os professores possam ir além da visão de senso comum, permitindo-se ver e ouvir os alunos e, com isso, aproximarem-se do modo como eles vivem essa etapa da vida, pode ser, portanto, de grande valia. Também é importante ressaltar que na escolha do formato de SD também foram levados em consideração aspectos como: sua produção ser de baixo custo, ser de acesso ilimitado e permanente, ser de fácil acesso e entendimento para os sujeitos da pesquisa.

O artigo foi organizado da seguinte maneira: na introdução o leitor terá acesso os objetivos e motivos da pesquisa; a seguir se aborda a fundamentação

teórica, que foi dividida em três seções: reflexões teóricas a respeito da história da educação profissional e tecnológica no Brasil; educação integral; e adolescência e juventude. A quinta seção refere-se às escolhas metodológicas para a realização da pesquisa, A seguir, são apresentadas as análises das relações que se estabelecem entre os dados obtidos nos questionários dos estudantes e dos professores, o que possibilitou aproximação com a realidade dos estudantes da escola pesquisada, base para a elaboração do produto educacional. A sétima seção é destinada à apresentação da elaboração e validação da SD, após o que são tecidas as considerações finais.

Ao final deste artigo foi anexada como apêndice a SD desenvolvida, bem como os questionários, termos de consentimento livre e esclarecido e demais documentos elaborados no decorrer do processo.

1 INTRODUÇÃO

Para Ramos (2007), refletir sobre qual tipo de sociedade pensamos quando educamos, nos traz a possibilidade de visar uma sociedade que exclui, divide os sujeitos e nega seus direitos ou, por outro lado, propiciar o surgimento de uma sociedade que inclui, que reconhece seus sujeitos em suas peculiaridades e que garante seus direitos sociais.

Neste trabalho partilhamos da mesma concepção da autora, a educação que se almeja é aquela que favorece a construção de uma sociedade justa e integradora; um projeto de escola unitária com vistas a ultrapassar a dualidade da formação para o trabalho manual e para o trabalho intelectual, consequência da divisão de classes típica do modo de produção capitalista,

Ramos (2007) enfatiza que a educação se mantém dual, uma destinada aos que empregam sua força de trabalho na construção da vida e da riqueza e outra destinada às elites dirigentes. A luta contra essa dualidade na educação não dá descanso, é contra hegemônica e precisa ser coletiva. A educação integral, uma das colunas de sustentação do ensino médio (EM) integrado à EPT, se mostra como parte importante desta luta, e, por isso mesmo, precisa se voltar aos sujeitos, principalmente ao estudante, compreendido como sujeito historicamente situado, dialeticamente determinado e determinante da realidade em que vive.

Para efetivar essa proposta, é necessário, no decorrer da ação pedagógica, compreender quem são os sujeitos que frequentam o ensino médio integrado à Educação Profissional e Tecnológica (EPT), assumindo-os como pessoas que vivem múltiplas determinações, e, por isso mesmo, diferentes “juventudes”. Por isso, é importante superar a visão superficial e generalizada acerca dos estudantes como categoria única e homogênea, que poderia ser resumida no termo “alunos”. Se objetivamos formar um sujeito crítico, com capacidade de usufruir de todas as possibilidades que a vida em sociedade permite, aqui entendido o trabalho, a cultura e o lazer, é necessária a superação desta visão superficial sobre o jovem.

Aproximar-se de uma compreensão mais clara sobre quem são os estudantes pode favorecer o estabelecimento de vínculos entre eles e os professores, o que pode potencializar a aprendizagem e favorecer a constante aproximação da utopia da educação integral.

A partir dessas considerações, a pesquisa e o produto educacional trazidos a público neste texto se justificam na medida em que procuram fornecer aos professores do ensino médio integrado à EPT um material acessível, de fácil entendimento e aplicação, com o objetivo de conhecer os alunos com os quais atua.

O tema, bem como a questão problema dessa pesquisa, teve origem na atuação da pesquisadora em um setor de atendimento ao estudante que frequenta o ensino médio integrado à educação profissional e tecnológica (EPT).

Partindo da percepção, ainda difusa e baseada na vivência, de que os professores tendem a compreender o estudante do ensino médio integrado à EPT – Educação Profissional e Tecnológica, de maneira genérica e ahistórica (descontextualizada), a pergunta que guiou o processo de pesquisa foi: **Como favorecer que a escola (e seus professores) compreenda melhor quem são os jovens estudantes que frequentam o ensino médio integrado à educação profissional?**

Tendo origem neste problema, o **objetivo geral** deste projeto é **proporcionar, por meio da elaboração de uma sequência didática, estratégias que possam ser utilizadas pelos docentes atuantes no ensino médio integrado à educação profissional para melhor conhecerem os jovens com os quais atuam.**

Como trilha para atingir o objetivo geral, os **objetivos específicos** foram:

1. Situar o ensino médio integrado à EPT na realidade brasileira e nos Institutos Federais de Educação Ciência e Tecnologia.
2. Caracterizar a concepção de educação integral que fundamenta o ensino médio integrado à EPT.
3. Refletir sobre as concepções de juventude e adolescência.
4. Investigar, por meio de questionário, a autopercepção dos estudantes ingressantes no ensino médio integrado em relação à sua origem, realidade atual e projetos de futuro.
5. Investigar, por meio de questionário, as percepções dos professores acerca de quem são, o que desejam e quais os projetos de futuro dos estudantes ingressantes no ensino médio integrado.
6. Elaborar uma sequência didática que possa orientar os docentes na intenção de conhecerem melhor seus estudantes.

Para fundamentar as atividades realizadas no decorrer da pesquisa, a

elaboração do produto educacional no formato de Sequência Didática (SD), apresentam-se a seguir os referenciais teóricos que os embasaram.

2 PERCURSO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA (EPT) NO BRASIL

A educação é inerente ao homem, que, diferente dos outros animais que se adaptam a natureza, é obrigado a adaptá-la a si, agindo sobre ela e transformando-a para atender às necessidades humanas. Isto significa que o homem não nasce homem, ele se forma homem, precisa aprender a produzir sua existência, e isto ocorre na relação com outros homens. A produção do homem é também, ao mesmo tempo, sua a formação, o que é um processo educativo, fazendo coincidir a origem da educação com a origem do próprio homem. Nos primórdios, o homem aprendia a produzir sua existência no próprio ato de produzi-la, no contato com a natureza, em contato com outros homens, trabalhando; desta maneira os homens aprendiam e ensinavam as novas gerações (SAVIANI, 2014).

Segundo Canali (2009, p. 2):

Nas sociedades primitivas, tanto a educação quanto quaisquer outras ações desenvolvidas pelo homem, traziam o caráter da espontaneidade coincidindo inteiramente como o processo de trabalho que era comum a todos os membros da comunidade num processo de produção coletiva da existência.

Nessas condições, a educação se igualava com a vida e não existia divisão de classes. Foi a apropriação privada da terra que gerou a divisão dos homens em classes, configurando-se em duas principais: a classe dos proprietários e a dos não-proprietários. Essa divisão dos homens em classes assumiu novos ares com o capitalismo – dividindo as pessoas em proprietários e não proprietários dos meios de produção – aprofundando também a já existente divisão na educação.

SAVIANI (2014), CANALI (2009), SANTOS (2000), CIAVATTA (2014) são alguns exemplos de autores que tomam a dualidade estrutural⁴ na educação

⁴ Dualidade estrutural é o conceito que explica a existência de dois caminhos formativos, um destinada aos trabalhadores, geralmente de cunho instrumental e outro, direcionada à elite, com foco no trabalho intelectual. A dualidade estrutural pode ser explícita, formalmente assumida, quando a própria legislação cria dois caminhos educacionais e impede que as pessoas migrem de um para outro, como por exemplo na vigência das Leis Orgânicas do Ensino (década de 1940), quando o estudante que ingressasse na educação profissional não tinha acesso ao ensino superior. Somente o ramo propedêutico permitia esse acesso. Mas a dualidade pode também ser negada no discurso oficial e não estar presente na legislação, o que não significa que não exista. É o caso, por exemplo, de haver diferentes níveis de qualidade em cursos e escolas de mesmo nível e modalidade de ensino segundo a classe à qual se destinam.

brasileira como objeto de estudo. Segundo eles, historicamente, aos filhos da elite foi oferecida uma educação básica propedêutica que direciona ao ingresso em cursos superiores e para os filhos das classes trabalhadoras, uma educação básica combinada com a formação para o mercado de trabalho.

Historicamente, na formação profissional a ênfase recaía no saber-fazer, não se evidenciando a preocupação com a formação integral de quem a frequentava. Se em seu início estava ligada a objetivos assistencialistas, com a industrialização do país, passou a ter também o papel de preparar o trabalhador para o exercício de uma profissão. Para Ramos (2014) a formação dos trabalhadores deixou de ter prioritariamente fins sociais e tornou-se uma necessidade econômica.

Apenas em 1960, com a promulgação da primeira Lei de Diretrizes e Bases (LDB) - Lei 4024/61, foi estabelecida a plena equivalência entre os cursos de mesmo nível (SCHENKEL, 2012). Aparentemente a dualidade formal⁵ estaria superada mas a dualidade estrutural se manteve, visto que os conteúdos tratados no ensino para as elites eram os cobrados nas provas de acesso ao ensino superior.

A lei 5692/71, que adequou a educação brasileira à ideologia da ditadura civil-militar, concebia a educação profissional (EP) como impulsionadora do desenvolvimento econômico do país e estabeleceu o ensino profissional compulsório para todo nível médio brasileiro (MOURA, 2010) que à época era denominado 2º grau.

Mais uma vez, no texto de lei, a dualidade estrutural estaria superada, já que todos teriam que seguir o mesmo percurso educativo, o que não se efetivou na prática, por várias razões, desde falta de condições de infraestrutura das escolas públicas a falta de desejo das escolas destinadas às elites em cumprirem o texto legal.

Fica claro que a legislação educacional não consegue eliminar a dualidade estrutural, pois esta é determinada pela estrutura da sociedade, que no sistema capitalista é dividida em classes. A exclusão de grande número de jovens da educação formal (escola) é resultado de uma sociedade dual e desigual, este fato é uma herança histórica desde a colonização brasileira (CANALI, 2009).

⁵ Dualidade formal, legalmente instituída, impedia o prosseguimento dos estudos aos concluintes dos cursos profissionalizantes.

Com a flexibilização da Lei nº 5.692/71, principalmente após a lei 7.044/1982, as instituições escolares, em especial as privadas, voltaram a ofertar o ensino propedêutico enquanto muitas instituições públicas continuaram a ofertar cursos técnicos aligeirados (dada a falta de condições concretas para fazer diferente), o que dificultava aos estudantes uma formação plena.

Com o fim da Ditadura (1985) foi promulgada uma nova Constituição Federal, elaborada com a participação da sociedade civil e que exigia, em continuidade, uma nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Após vários anos de tramitação, que representam a diversidade de forças que tentaram se impor em termos de concepção de educação, foi promulgada a Lei 9394/96: Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Inicia-se com essa LDB uma nova fase para a Educação profissional (EP), já que o parágrafo único do artigo 39 define que “o aluno matriculado ou egresso do ensino fundamental, médio e superior, bem como o trabalhador em geral, contará com a possibilidade de acesso à educação profissional”, ou seja, ela passou a ser concebida como direito de todo cidadão (OLCZYK; SUHR 2020, no prelo).

Com a nova LDB o antigo 2º grau, agora ensino médio, passou a ser compreendido como etapa de consolidação da educação básica, de aperfeiçoamento do estudante como pessoa humana, de aprofundamento dos conhecimentos assimilados no ensino fundamental, de maneira que o estudante continue aprendendo, adquirindo desta maneira uma preparação inicial e básica para o trabalho e a cidadania. A LDB estabelece ainda, que a EP, integrada às diferentes formas de educação, ao trabalho, à ciência e à tecnologia, leve ao desenvolvimento permanente de capacidades para a vida produtiva.

Após a LDB, o Decreto Federal nº 2.208/97 definiu a organização curricular para a EP, estabelecendo que ela fosse ofertada de maneira independente do ensino médio, podendo ocorrer de duas maneiras: concomitante ao ensino médio e subsequente. Essa configuração, eliminando a possibilidade de currículos integrados foi alvo de muitas críticas, entre elas: diversificação de cursos sem relação com as reais demandas do mundo do trabalho, organização dos currículos por competências e por módulos, aligeiramento nos processos de formação, dentre outros (SCHENKEL 2012). Em obediência ao Decreto 2208/97, mais uma vez a EP se constituiu como sistema paralelo, destinado a conservar a estrutura dualista da educação que vem desde a época do Império. Isso porque a conclusão da educação

profissional não permitia a equivalência para acesso ao ensino superior (CANALI, 2009).

Em 2003, iniciou-se um novo governo, e com ele uma reorientação das políticas direcionadas à EPT. O Decreto 2208/97 foi revogado pelo Decreto 5154/04 e com isso foi retomada a possibilidade de ofertar cursos técnicos integrados ao EM (GARCIA et al., 2018; CANALI, 2009), embora mantivesse a oferta de cursos técnicos nas modalidades concomitante e subsequente.

Inicia-se então a defesa da oferta de cursos técnicos integrados ao EM numa perspectiva que aponta em direção à educação politécnica. Tal educação é entendida como aquela unitária e universal e que tem como horizonte a superação da dualidade entre cultura geral e cultura técnica, contemplando o aprofundamento dos conhecimentos científicos produzidos e acumulados historicamente pela nossa sociedade.

Esse formato de EM integrado a EP é, no entanto, uma solução transitória visto que a desigualdade social presente em nosso país faz com que a grande maioria dos filhos da classe trabalhadora precisa se inserir no mercado de trabalho antes de completar 18 anos (CANALI, 2009). Isso porque o ideal seria que todos tivessem as condições de concluir a educação básica para, só depois, se profissionalizar.

A nova política nacional para EPT foi pensada em função da sociedade e visando sua transformação. Procurou-se romper com a visão instrumental da formação, não mais priorizando a formação a serviço da acumulação capitalista (PACHECO, PEREIRA e SOBRINHO, 2010).

A Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC) ressaltava na época, a importância de fortalecer o caráter público da EP e de manter ações em conjunto com as políticas de desenvolvimento nacional, regional e local. Desta maneira as ações propostas devem se pautar na indivisibilidade entre a formação geral e profissional pensando na possibilidade da **educação integral**, mantendo proximidade com os arranjos produtivos, sociais, culturais das diversas regiões do Brasil e tendo como visão a inclusão das milhares de pessoas que estão à margem da sociedade brasileira, seja no que diz respeito a escolaridade, ou na sua inclusão no mundo do trabalho.

A concepção de EP como direito dos cidadãos deu origem a uma política de

ampliação e interiorização da rede federal de ensino⁶, culminando na Lei nº 11.892 de 29/12/2008, que expandiu a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (RFEPT) por meio da criação dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs).

Os IFs foram criados como instituições de educação superior, básica e profissional, com organização multicurricular e *multicampi*, focando na EPT em diferentes níveis e modalidades de ensino. Dentre seus objetivos está o de impulsionar uma política de educação ampla, abrangendo todo território Nacional, com o objetivo de diminuir as desigualdades sociais e regionais que estão presentes no Brasil, gerando desenvolvimento social e econômico na região em que estão instalados (FRIGOTTO *et al*, 2018). No que se refere à concepção de educação profissional e tecnológica, os IFs se apoiam na proposta de educação integral, que será abordada a seguir.

⁶ A “Rede” Federal de Ensino é formada pela soma das seguintes instituições: 38 Ifs, a Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), o Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ), Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET/MG), as escolas técnicas vinculadas às universidades federais e o Colégio Pedro II do Rio de Janeiro (FRIGOTTO, 2018).

3 EDUCAÇÃO INTEGRAL, DO QUE ESTAMOS FALANDO AFINAL?

A ideia de formação integral tem como objetivo formar o sujeito na sua integralidade física, cultural, mental, política, científica e tecnológica. No Brasil tal concepção passou a fazer parte dos debates durante as discussões para a construção da atual LDB, no final dos anos 1980 e também no início dos anos 2000 durante o processo de aprovação do Decreto nº 5.154/2004 quando se defendia a concepção de integração entre EP e EM (DRAGO, 2018).

Para Ramos (2008) um projeto de ensino médio integrado à EPT nestes moldes deve ter como objetivo o desenvolvimento integral dos sujeitos, sendo possível a eles construir seus projetos de vida, com a capacidade de lutarem contra as contradições existentes no cruel sistema capitalista, com vistas à emancipação humana através da transformação social.

O ensino médio integrado à EPT não deve ser entendido somente como uma maneira de articular ensino médio e educação profissional, é muito mais que isso. É uma condição social e historicamente imprescindível para a estruturação do ensino médio politécnico e unitário, não é sinônimo dele pois as condições reais desfavoráveis com que os filhos dos trabalhadores vivem não o torna possível - para eles a profissionalização é uma necessidade - mas é um caminho que deve ser trilhado para se chegar a ele. (RAMOS, 2008)

Drago (2018) esclarece que o conceito de formação integral é contrário ao de profissionalização voltada ao simples ato de ensinar competências para a empregabilidade e tendo como preocupação somente o saber fazer. É uma formação que se organiza para além da formação para o trabalho, fundamentando-se em um projeto de emancipação da classe trabalhadora, com intenção de superar as desigualdades educacionais e sociais. A percepção que considera o homem somente a partir de sua força de trabalho e do lucro reduz o sujeito a uma máquina a serviço do processo produtivo, sem reconhecer sua humanidade. A formação integral busca, portanto, se colocar na luta para a superação da dualidade estrutural que existe entre formação para os que executam o trabalho manual e formação para as elites, sendo que o EM integrado a EPT é um projeto, um caminho possível para a aproximação a esse objetivo.

O EM integrado a EPT se coloca como uma solução transitória, uma proposta que busca promover a aproximação à educação integral, incluindo conhecimentos científicos produzidos e acumulados historicamente, permitindo a compreensão da dinâmica produtiva, o que é formação profissional, mas não estrita para o mercado. Ao adotar ciência, tecnologia, cultura e trabalho como eixos estruturantes, abarca as bases em que se torna viável desenvolver uma politécnica (MOURA, 2010). Concordamos com Suhr (2014) que, tomando como referência o pensamento de Gramsci, afirma que o ideal seria que houvesse um caminho único para todos os estudantes, no qual fossem desenvolvidas todas as capacidades cognitivas, físicas, estéticas, além da autonomia moral e ética, mas isso não é possível visto que muitos jovens não podem esperar a idade de 20 anos ou mais para se inserirem no mercado de trabalho.

Ramos (2008) afirma que o Brasil é um país marcado pela exploração dos trabalhadores, o que impede a defesa – pelo menos por enquanto – de um ensino médio que forme para a vida em sociedade e deixe a profissionalização para depois.

Para Drago (2018) a concepção de educação integral é um caminho possível no qual o EM integrado a EPT se torne um mecanismo de passagem para a emancipação da classe trabalhadora, sendo uma travessia entre o ensino médio que se mostra possível atualmente (considerando nossa realidade existente) e o que se almeja construir no futuro.

Na busca pela educação integral existem várias possibilidades pedagógicas, guiadas pelo pressuposto da integralidade da formação humana, não há uma única forma. Mas, com certeza, um passo relevante para tal, é que a escola e o professor compreendam seus alunos para além do senso comum, entendendo tratar-se de sujeitos históricos, cujas vidas são resultado de múltiplas determinações. Por isso, na próxima seção, serão apresentados elementos que nos permitam compreender os conceitos de juventude(s) e adolescência.

4 ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE: UMA BREVE REFLEXÃO

A utilização dos dois termos, adolescência e juventude, se dá pelo fato que é frequente na literatura a utilização das duas expressões, sendo muitas vezes confundidas e compreendidas com um único significado. A própria legislação brasileira deixa brechas para diversas interpretações, pois segundo o Estatuto da Juventude⁷, jovens são consideradas as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade. A mesma Lei também estabelece que aos adolescentes com idade entre 15 (quinze) e 18 (dezoito) anos aplica-se o Estatuto da Criança e do Adolescente⁸ – ECA, indicando ainda que para este público o Estatuto da Juventude deve ser utilizado de maneira excepcional e, mesmo assim, somente quando este não conflitar com as normas de proteção integral do adolescente (SOUZA, 2014).

4.1 Adolescência

Para Silva e Lopes (2009) o termo adolescência está mais ligado às teorias psicológicas, que consideram a pessoa como ser psíquico, regrado pela realidade que constrói e por sua experiência subjetiva. O uso generalizado e naturalizado do termo adolescência⁹, está ligado à lógica desenvolvimentista, sendo considerada uma etapa do desenvolvimento pelo qual todos passariam de maneira parecida e obrigatória. Seguindo essa concepção a adolescência se caracteriza por determinadas mudanças hormonais e corporais que seriam relativas a essa fase da vida. Rebeldia, desinteresse, instabilidade, entusiasmo, agressividade passam a ser sinônimos de adolescência (Coimbra, Bocco e Nascimento, 2005).

Bock (2004) considera que grande parte dos tratados sobre a adolescência a caracterizam como sendo um momento de transformação e, ao mesmo tempo, de espera pela vida adulta, sendo associada a mudanças corporais (puberdade): o crescimento dos pelos no corpo, o desenvolvimento das

⁷ A Lei nº 12.852, de 05 de agosto de 2013 institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE.

⁸ Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990.

⁹ Que a entende como uma fase universal e a-histórica de desenvolvimento humano.

características sexuais secundárias, a desobediência, os conflitos. Nessa perspectiva a adolescência foi naturalizada como inerente a determinada faixa etária, definida geralmente por características negativas, que se impõe pela dificuldade de os adolescentes agirem como adultos, inclusive por não conseguirem se inserir no mercado de trabalho. Alerta, no entanto, para a inadequação dessa concepção que reduz essa fase da vida a algo natural, posto por sua natureza, que ocorreria sempre e do mesmo modo para todos, no período posterior à infância. Aponta que a maioria dos livros destinados a orientar pais e professores definem a adolescência como sendo uma fase natural do desenvolvimento humano, como parte da natureza humana, como algo que acontece para todos ao final da infância e antes da vida adulta.

Confrontar essa concepção naturalizante acerca da adolescência é uma obrigação pois tal visão se mostra adequada às sociedades capitalistas, que desvalorizam o que não é produtivo, e como a infância, a velhice e adolescência são “improdutivas”, são menos valorizadas do que a fase adulta. É ainda um desserviço ao jovem, pois o coloca num espaço do “não ser”, não o compreendendo como sujeito do hoje e não apenas como projeto de adulto produtivo amanhã.

Na contramão dessas definições sobre a adolescência, Bock (2004) afirma que as aptidões e habilidades não nascem com o homem, elas são conquistadas e criadas, sendo o homem um candidato a esta humanidade que está em nosso mundo material concretizada nos objetos, nas palavras e nos acontecimentos da vida humana. Diante disso a leitura tradicional da psicologia, de que existe uma humanidade que é natural do homem, se inverte. As características humanas e o mundo psicológico aparecem agora como aquisições da humanidade. Por isso é necessário reconsiderar o conceito de adolescência, evitando sua naturalização como período natural do desenvolvimento, buscando compreender o processo social que a constituiu.

A autora considera que as características da adolescência são construções históricas e que marcam profundamente a subjetividade dos grupos humanos, ou seja, as características hoje assumidas pelos sujeitos dessa faixa etária são definidas, em grande medida pelo que eles vivem. O fato de os adolescentes brasileiros viverem sob o mesmo modo de produção nos indica em um primeiro momento que os modos de compreender a vida serão comuns a todos. Mas, importa ressaltar que são “evidentes as diferenças entre os grupos das diferentes classes

sociais, em razão de diferentes formas de inserção social” (BOCK, 2004). Portanto, não há uma única forma de ser/viver a adolescência, fato ocultado, já que as descrições corriqueiras sobre essa etapa tomam como referência os jovens de classe média ou de alto poder aquisitivo.

Com base no raciocínio de Bock(2004), fica claro que somente com o uso do termo adolescência não conseguiremos abranger toda a diversidade de formas pelas quais os sujeitos dessa faixa etária vivem. Segundo Olczyk e Suhr (2020, no prelo) é primordial que esse conceito seja reelaborado diariamente, reconhecendo que existem diferentes formas de viver esta etapa de vida, considerando a cultura, fatores socioeconômicos, espaços de vivências, o local de residência, entre outros.

No sentido de buscar configurar de maneira mais ampliada o(s) modo(s) como essa etapa da vida é vivida, apresenta-se a seguir a concepção de conceitos de juventude/juventudes, utilizada de maneira mais presente na área da sociologia.

4.2 Juventude(s)

O uso do termo juventude vem ganhando espaço no Brasil nos últimos anos, ampliando e diversificando pontos de pesquisa e reflexão já existentes e incluindo novos. É utilizado de modo predominantemente na sociologia, considerando que nesta área o que prevalece é a visão do coletivo, diferente do termo adolescência que tem predominância na psicologia e, portanto, no individual. Atualmente existem variadas visões a respeito da juventude, diferentes definições inclusive.

Ribeiro *apud* Esteves e Abramovay (2007), situa no século XVIII, de maneira particular, durante a Revolução Francesa, o momento em que se estabelece a maneira pela qual a juventude vem sendo conceituada. Os padrões estéticos que até nesse momento se identificavam com a velhice (a exemplo do uso de perucas) foram substituídos em consequência do novo modelo de produção (capitalista) e passaram a representar liberdade e democracia. É nessas circunstâncias de valorização da novidade que se espalhou a noção de felicidade ligada a mudanças, e a juventude passou a representar um valor importante.

Importa relatar que, assim como a adolescência, a juventude tem sido vista social e historicamente como um período da vida definida como instável e ligada a problemas sociais. Algumas décadas atrás, associava-se juventude com revolta, assim como com risco maior de marginalidade. A partir da década de 70, também

problemas como emprego e a entrada na vida adulta começaram a ser vistos como sendo típicos da juventude. Atualmente os problemas que mais afetam a juventude estão ligados às dificuldades de entrada no mundo do trabalho, resultando desta maneira em dificuldades de acesso à habitação e à autonomia; essas dificuldades são consideradas como fonte de conflitos e problemas, pois prolongar os laços de dependência com a família, forçando a uma convivência estendida, pode originar conflitos familiares.

Há uma tendência no senso comum, de modo semelhante ao que ocorre em relação à adolescência, de destacar os aspectos negativos da juventude, como instabilidade, insegurança e revolta, pouco se fala das suas responsabilidades e da busca pela mudança social. A persistência em falar sobre juventude pela direção da transição e da crise é uma das características desta visão na qual a juventude é um problema (social ou psicológico). Nessa concepção de juventude o indivíduo é um “vir a ser”, todas as suas ações presentes estão pautadas no futuro. É um sujeito que será sem nunca ter sido, corresponde a uma fase de preparação, de gestação do ser adulto, pela qual todos deverão passar para ter direito a uma nova vida, de adulto.

Dayrell (2003) destaca outra imagem, uma visão romântica, na qual a juventude seria um tempo de independência, contentamento, expressão de modos excêntricos de viver. A essa imagem se junta a noção de moratória, um período para ensaio e erro, para experimentações, para desfrutar o prazer, a irresponsabilidade, com uma relativização do emprego de punições sobre esse comportamento.

É fundamental que essas imagens acerca da juventude sejam questionadas, pois as concepções socialmente construídas tendem a um olhar negativo, destacando características que correspondem a um modelo pré-determinado de “ser jovem”. Desta maneira, não é possível compreender os modos de como os jovens produzem suas experiências.

Assim como ocorre com o conceito de adolescência, o período da juventude, de maneira genérica, é concebido na sociedade moderna ocidental como sendo um momento da vida que é representado pelo espaço (cuja variação é temporal e histórica) entre a posse das condições de reprodução biológica, que se inicia com as mudanças físicas que ocorrem na puberdade com a maturidade das funções fisiológicas ligadas à capacidade de reprodução, e de produção social, aqui

incluídas as alterações intelectuais e emocionais. O final do período de juventude e ingresso no “mundo adulto” se daria, portanto, depois de um determinado tempo se preparando para ser um adulto apto a produzir e reproduzir a vida em sociedade (FREITAS, 2005; SPOSITO, 1993).

É importante destacar que a transição para a vida adulta se tornou mais complexa, ela não ocorre na contemporaneidade de maneira linear como ocorria no período pós-segunda guerra. Eventos como a saída da escola, entrada no mercado de trabalho, casamento, foram afetados e modificados a partir das mudanças ocorridas no mundo do trabalho e na constituição de família (CAMARANO, 2006).

Considerar a maneira como a sociedade capitalista ocidental se estrutura também é primordial ao analisarmos as vivências das juventudes. Não são todos os jovens que possuem acesso aos direitos sociais como educação, cultura; aos bens materiais e a oportunidade de acessar ao mundo do trabalho. A diversidade das juventudes passa também pelas classes sociais, pela desigualdade social e econômica, pelo acesso aos direitos, pela diferenciação cultural dos grupos entre tantos outros componentes.

É primordial olharmos a juventude não apenas como um conjunto social caracterizado por se constituir de pessoas pertencentes a uma determinada fase da vida, mas como um conjunto social possuidor de características próprias que diferenciam os jovens, tomando-os não como unidade, mas sim como diversidade (MARTINS e CARRANO, 2011; DAYRELL, 2003; MALFITANO, 2011; PAIS, 1990).

Desta maneira, considerando a diversidade e heterogeneidade de condições vivenciadas pelos jovens, o mais condizente é usar o termo “juventudes”, no plural. Desse modo é possível marcar que num país com enormes diferenças regionais, e, principalmente tendo em vista a desigualdade social, não há um só modo de viver a juventude no Brasil de hoje.

Para Dayrell e Carrano (2014) as concepções acerca de adolescência e juventude correspondem a uma construção social, histórica, cultural e relacional, que através de distintas épocas e processos históricos e sociais, foram tomando sentidos e limites diferentes.

Em síntese, quer se use o termo adolescência ou juventude, há diversos modos de ser jovem/adolescente, o que demarca a importância de utilizar o termo “juventudes”, no plural, para destacar a diversidades de modos de ser jovem existentes, relacionadas às condições concretas de vida dos diversos grupos

sociais na sociedade capitalista. Não há uma juventude, mas sim, jovens enquanto sujeitos que a experimentam e a sentem de acordo com as circunstâncias de determinados modos de ser jovem (DAYRELL, 2003; DAYRELL e CARRANO, 2014).

5 METODOLOGIA

Esta pesquisa¹⁰, de caráter exploratório, com características de pesquisa qualitativa, foi desenvolvida a partir da compreensão defendida por Kosik (1976), segundo quem a realidade não se dá a conhecer sem aprofundamento, sem mediação da teoria que nos permita superar a pseudoconcreticidade e compreender o fenômeno em tela em suas múltiplas determinações. É nesse sentido que compreender a juventude/adolescência exige uma reflexão que vá além do senso comum.

É um movimento de descolar-se da aparência, do que é possível apreender num primeiro contato com o tema, descolar-se do imediato por meio de um *detour*, ou seja, um afastamento, e buscar na mediação da teoria, elementos que permitam a aproximação ao concreto, ou seja, a soma das múltiplas determinações de um fenômeno.

Embora não seja possível, dadas as limitações temporais desse trabalho, compreender a “rica totalidade da multiplicidade das determinações e das relações” (KOSIK, 1976, p. 36) que configura os diversos modos de viver a juventude na realidade pesquisada, defendemos que é possível – e necessário – caminhar à compreensão da realidade como um todo estruturado e dialético, no qual um fato qualquer pode ser racionalmente compreendido (KOSIK, 1976).

Exatamente por compreender que há uma grande diversidade de formas de viver a juventude, temos clareza que as análises tecidas a partir do *locus* de pesquisa, não necessariamente servirão para outras realidades. Essa conclusão não invalida a pesquisa, pois o que se pretende é propor um caminho para que os docentes possam, eles mesmos, superar o primeiro olhar a respeito de quem são seus alunos.

Do ponto de vista processual, a escolha recaiu sobre a pesquisa-ação, que representa com maior proximidade a maneira como se conduziu esta pesquisa. Segundo Thiollent (1986, p. 14):

¹⁰ A pesquisa foi autorizada pela Direção do IFC – *campus* Blumenau com parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) do IFC.

a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

A caracterização como pesquisa-ação se deu por dois motivos, a saber: a) foi realizada no local de trabalho da pesquisadora; b) atendeu a um dos objetivos do mestrado profissional em ensino, que é a proposição de estratégias de encaminhamento frente à problemática investigada, elaborando um produto educacional.

A estratégia de levantamento de dados foi elaborada após a construção do referencial teórico e assumiu o formato inicial de grupos de discussão, que seguiram as atividades propostas na SD, servindo como sua validação para posterior envio aos docentes.

Infelizmente, devido à baixa adesão dos estudantes ao convite para participarem do grupo de discussão¹¹, foi necessário alterar a estratégia e a coleta de dados passou a ser feita mediante uso de questionários envolvendo as seguintes temáticas: i. quem é o estudante, do que gosta, o que valoriza; ii. como este estudante está vivenciando o ensino médio integrado à EPT; iii. quais seus sonhos e projetos para o futuro.

Com a alteração do caminho da pesquisa, foi incluído um segundo grupo de sujeitos, os docentes, com a intenção de averiguar possíveis distanciamentos entre o modo como os estudantes e seus docentes compreendem os três elementos selecionados, citados no parágrafo anterior. Assim, foram respondentes dos questionários, os estudantes de primeiro ano de ensino médio integrado (EMI) da instituição *lócus* da pesquisa, bem como os docentes que atuavam nas turmas de primeiro ano.

A escolha dos três elementos (quem é o estudante, do que gosta, o que valoriza; como este estudante está vivenciando o ensino médio integrado à EPT; quais seus sonhos e projetos para o futuro) se deu após contato da pesquisadora com vários autores (CORTI, 2001; ABRAMOVAY, 2015; SERRÃO, 1999; CORREA,

¹¹ A pouca adesão que se justifica, pois na instituição as atividades escolares acontecem em período integral e os momentos sem aula são utilizados pelos alunos para estudos, atividades particulares, atividades esportivas e descanso. Além disso, houve coincidência do convite à participação com o final do trimestre, o que leva os alunos a dedicarem mais tempo ao estudo, principalmente das disciplinas nas quais têm notas mais baixas.

ALVES e MAIA, 2014) que estudam a categoria juventude, e julgam relevante para compreender os jovens, refletir sobre: escola, projeto futuros, realidade atual, sua origem, cidadania, tecnologias, trabalho, indisciplina, sexualidade, relações de gênero. A seleção desses três pontos levou em consideração o objetivo da pesquisa que é contribuir para que os professores conheçam melhor seus alunos. Por isso, foram evitados temas considerados mais *espinhosos*, que devem ser tratados no momento que o professor já possui certa intimidade com a turma, já que poderiam causar constrangimentos entre as partes.

A aplicação dos questionários com os alunos aconteceu após assinatura de Termos de Consentimento pelos pais e de Assentimento pelos jovens, durante horário de aula, com a autorização dos professores das disciplinas de Biologia e História, e resultou em 131 questionários respondidos, o que representa 91,61% do total de matriculados no primeiro ano.

Para os docentes a estratégia para aplicação dos questionários foi o envio pelo *Google forms* através do e-mail institucional. Da mesma forma, os respondentes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, disponibilizado no próprio formulário. Essa etapa contou com a participação de 16 docentes (em um universo de 27) o que representa de 59,26% do total, sendo que 81,3% dos respondentes se identificaram como professores do Núcleo Comum¹² e somente 18,7% do Núcleo Profissionalizante.

A análise dos dados obtidos tomou por referência indicativos da Análise de Conteúdo, proposta por Laurence Bardin (2016), embora não tenha sido possível usar o método na íntegra. Foram criadas categorias de análise a partir das quais se procurou confrontar as respostas obtidas dos estudantes e docentes. Foram consideradas relevantes as respostas com maior índice de marcação pelos sujeitos de pesquisa. No que se refere às questões abertas, as respostas foram agrupadas por semelhança, na tentativa de estabelecer elementos em comum.

Após a análise dos dados, a partir do esboço das atividades que seriam realizadas durante os grupos de discussão, foi reestruturada a Sequência Didática (SD), conceituada por Zabala (1998, p. 18) como “um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos

¹² Conforme consta no Projeto Pedagógico de Curso para descrever as disciplinas que não se referem especificamente à formação técnica.

educacionais, que têm um princípio e um fim conhecidos tanto pelos professores como pelos alunos.” A SD deve ser vista inicialmente como um todo, mas o docente é livre para usá-la de maneira parcial ou ampliá-la, levando em conta seu contexto, suas possibilidades e da turma em questão.

Como não foi possível aplicar a SD com os estudantes, a mesma foi apresentada aos professores da instituição num encontro de quatro horas durante a semana de formação pedagógica, mediante autorização da Direção Geral do *campus*. O encontro se realizou no dia 05/02/2020 e contou com a presença de 23 docentes. Foram aplicadas as atividades previstas na SD referentes à categoria denominada “É a minha cara!” (que dizem respeito a temática que procura descobrir quem é o estudante, do que gosta, o que valoriza). Tendo em vista o tempo disponibilizado pela instituição, as demais etapas de SD foram apresentadas e brevemente discutidas com docentes, após o que ela foi enviada por e-mail para todos.

A estratégia para validação do produto do produto educacional (SD) após o encontro de formação docente foi um formulário enviado pelo *Google forms* para todos os participantes, mas infelizmente apenas 7 docentes, ou seja, 30,46% responderam.

Mesmo tendo em vista que 30,46% é um nível baixo de respostas, as respostas aos formulários foram lidas e analisadas no sentido de verificar possíveis melhorias na SD, que foi então oficializada em sua versão final.

6 DISCUSSÃO E APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Não é possível apresentar os resultados da aplicação da SD junto aos docentes sem discutir, mesmo que brevemente, os dados coletados por meio dos questionários, que dirigiram a reestruturação do produto educacional.

O *campus* Blumenau é um dos 15 *campi* do Instituto Federal Catarinense¹³ (IFC), integrante da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, instituído pela Lei nº 11.892/2008. O *campus* Blumenau é resultado do plano de expansão da Educação Profissional e Tecnológica no Brasil, sendo ofertado em fevereiro de 2012 o primeiro curso de EM integrado à EPT, atualmente são oferecidos dois cursos: informática - primeira turma desde 2012 e eletromecânica - com a primeira turma em 2016 (PDI, 2019).

O IFC apresenta em seu Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI, como concepção a educação profissional e tecnológica que se fundamenta na integração entre ciência, tecnologia e cultura como pertencentes à vida humana, essenciais para o desenvolvimento da capacidade científica, da autonomia intelectual e participação cidadã (PDI, 2019, p. 21).

Os 131 estudantes que responderam aos questionários são dos cursos de ensino médio Técnico em Eletromecânica (45,8%) e Técnico em Informática (54,2%), correspondendo a 91,61% dos estudantes matriculados no primeiro ano. Deste total 62,6% se identificam com o gênero masculino, 34,4% com o gênero feminino e 3,0 % preferiram não se identificar.

Do total de 27 professores, 16 responderam aos questionários, o que corresponde a 59,26%. A maioria dos docentes que responderam (81,3%), lecionam disciplinas do Núcleo Comum.

Como os cursos ofertados na instituição são de áreas tradicionalmente ocupadas pelo gênero masculino, justifica-se a predominância do público masculino (62,6%). Vale ressaltar, no entanto, que a presença feminina de 37,4% pode estar indicando mudanças nesse paradigma. Ou ainda, que os jovens procuram a instituição por outros fatores para além da profissionalização, como por exemplo, a qualidade no ensino ofertado. Esse aspecto é apontado pela ampla maioria dos

¹³ O IFC nasceu da união entre as Escolas Agrotécnicas Federais de Concórdia, Rio do Sul e Sombrio, juntamente aos Colégios Agrícolas de Camboriú e Araquari (que estavam vinculados à Universidade Federal de Santa Catarina).

jovens (87,8%) como critério para escolha da instituição. Nas palavras deles, o IFC é uma boa escola para estudar, tem qualidade, bom ambiente e bons professores. Dentre a amostra de docentes, a qualidade da escola também é indicada, embora em menor porcentagem (25%) como critério dos estudantes e suas famílias para a escolha da instituição.

Intuitivamente os estudantes manifestam o que também trazem os autores usados como referência nesse trabalho: o EMI se coloca, apesar de todas as limitações, como possibilidade de formação integral. Apesar da busca por uma educação considerada de “boa qualidade”, ainda é forte na percepção dos jovens a preparação para o mercado de trabalho, apontada por 67,2% como fator que os levou à matrícula num curso técnico.

Ao serem questionados sobre o que gostam de fazer (que lhes dá prazer) os estudantes indicaram atividades de lazer e entretenimento ligadas ao uso dos dispositivos móveis com uso da internet, destacando-se a atividade de ouvir música. Nesse quesito não há discordância em relação à opinião dos docentes, embora estes tendam a não valorizar o uso de dispositivos eletrônicos em sala de aula.

Parece que os docentes não têm a percepção que os jovens utilizam a internet por diversos motivos, inclusive em busca do conhecimento. Tiecher, Korbes e Da Silveira (2009) nos trazem, com base em pesquisa da Vivo Telefônica, que os jovens usam a internet, principalmente por meio do celular, para pesquisas escolares, compras, preparação para o mercado de trabalho, informações acerca de profissões, esportes, cultura são alguns destes motivos, não apenas como distração. Os mesmos autores nos indicam que o uso das tecnologias digitais pelos estudantes é algo que contribui no processo de constituição de suas identidades, os sentidos atribuídos pelos alunos às tecnologias se mostram indispensáveis para compreensão destes e de seu relacionamento com a instituição escolar, com a sociedade e com o conhecimento. Esse aspecto, do papel dos dispositivos eletrônicos na constituição da identidade juvenil, não foi citado por nenhum docente.

A prática esportiva também merece destaque quando os jovens expressam o que gostam de fazer: 50,4% dos estudantes apontam as atividades esportivas como muito relevantes em sua vida, ao passo que apenas 37,5% dos docentes assinalaram a mesma resposta. A importância das atividades esportivas, em especial as realizadas em grupos (futebol, vôlei basquete, handebol), é reforçada quando os jovens as indicam como algo que lhes cause “paixão”. Podemos inferir,

com base no referencial teórico, que a prática de atividades esportivas propicie encontros, contatos, permitindo ao jovem participar de grupos de afinidade, algo muito relevante nessa etapa da vida. Infelizmente a riqueza dessa atividade, indo muito além do mero “jogar”, não parece ser tão reconhecida pelos professores.

Segundo Dayrell (2009), a amizade corresponde a uma das dimensões relevantes da condição juvenil, a convivência com os pares acontece em vários ambientes inclusive na escola, é com esse grupo que acontecem os programas, as trocas de ideias, os amigos são reflexo de sua própria identidade. Os próprios estudantes entendem que conviver intensamente com seus amigos é característica de ser jovem (51,9%).

A importância das atividades esportivas e tudo que elas podem propiciar é reforçada também quando os estudantes sugerem melhorias na escola: “uma quadra para jogar nos tempos livres”(aluno A9)¹⁴, “fazer uma quadra de esportes ao ar livre onde nas aulas livres pudéssemos jogar”(aluno A50), “área para jogos quando tem aula livre”(aluno A87).

A escolha das atividades esportivas coincide com Scoss (2002, p. 11) para quem esta “é uma das atividades que mais chama a atenção dos jovens, junto com a música, a dança e as artes gráficas”. A mesma autora ratifica que a prática do esporte desenvolve capacidades físicas e motoras, mas também valores como solidariedade, cidadania, amizade e até mesmo democracia e participação social.

A partir as indicações dos estudantes e das contribuições de Scoss é possível demarcar a importância das atividades coletivas, principalmente relacionadas às diversas linguagens (corporal, estética) para a formação integral, que é defendida neste trabalho.

Embora nenhum estudante tenha se referido a isso, 75% dos docentes consideram que os alunos dedicam a maioria do seu tempo livre a “não fazer nada”. Embora não tenhamos dados para confirmar essa hipótese, é possível que esta percepção de aluno “que não quer fazer nada” pode estar ligada à inércia de alguns alunos em sala de aula. É possível que o desinteresse e a desmotivação dos

¹⁴ Cada questionário representa a resposta de um aluno ou professor, para facilitar a análise e discussão dos resultados obtidos optou-se em identifica-los. Cada aluno foi representando pela letra A seguida de um número, por exemplo: A1, A2, A3 até A131 e cada professor foi representando pela letra P seguida de um número, por exemplo: P1, P2, P3 até P16. As transcrições são fiéis à escrita dos estudantes e dos professores nos questionários.

estudantes estejam relacionados com o modo que a instituição escolar se apresenta, em muitos aspectos anacrônica aos interesses dos jovens e às possibilidades tecnológicas na contemporaneidade. De todo modo, importa demarcar as posições bem diversas de professores e estudantes em relação a esse ponto.

Foi solicitado aos estudantes que citassem algo que lhes causa “paixão” (podendo ser uma ideia, uma atividade). As respostas indicaram a família, os relacionamentos afetivos e de amizade, validando a importância das relações interpessoais na vida dos estudantes. Perder os pais é o maior medo de 65,4% dos jovens quando se referem ao futuro. Os alunos reafirmam a conclusão de Minayo, para quem família é o local onde os jovens encontram amor, apoio, gentileza; é o local no qual podem descansar das apreensões do mundo externo apesar dos variados conflitos que ali existem (MINAYO, 2011). Também Dayrel (2009) afirma que as relações sociais que os jovens estabelecem correspondem às suas necessidades de comunicação, de apoio, de democracia, de afeto e fundamentalmente, de identidade.

Interessante observar que, embora 51,9% dos jovens indique ter “paixão” pela convivência com amigos, apenas 18,38% dos professores assinalaram esse aspecto. Há, no entanto uma contradição no posicionamento dos docentes, já que, ao serem instigados a pensarem em sua própria trajetória no ensino médio, 43,8% deles alegaram que o que os fazia feliz na escola era justamente conversar com seus amigos.

Em relação à vivência da condição jovem na contemporaneidade, 39,7% dos alunos indicam que têm mais oportunidades de estudar do que as gerações anteriores, enquanto 56,3% dos docentes indicam essa mesma situação. Possivelmente parte significativa dos professores vem de famílias em que a oportunidade de acesso à escolaridade é um fato relativamente recente, o que, pela diferença de idade e por os estudantes viverem em região urbana, já não se coloque tanto para eles.

Merece citar que para uma pequena parte dos docentes “ser jovem atualmente” remete a características negativas, tais como não ter limites (18,8%), ser irresponsável (18,8%) e não respeitar regras e hierarquia (18,8%), demonstrando que

torna-se necessário colocar em questão essas imagens, pois, quando arraigados nesses “modelos” socialmente construídos, corremos o risco de analisar os jovens de forma negativa, enfatizando as características que lhes faltariam para corresponder a um determinado modelo de “ser jovem”. Dessa forma, não conseguimos apreender os modos pelos quais os jovens, principalmente se forem das camadas populares, constroem as suas experiências” (DAYRELL, 2003, p. 410).

A concepção de ensino médio integrado à EPT se contrapõe a esta visão limitante, propondo uma formação que se preocupa com o estudante em sua rica totalidade. A compreensão dos professores em relação a isso é fator fundamental para que a proposta do EMI se torne realidade.

Os estudantes consideram ainda que ser jovem é experimentar coisas e lugares desconhecidos (54,2%) e aproveitar o máximo a vida (53,4%), o que Dayrell (2003) chama de visão romântica da juventude, ligada ao surgimento da indústria cultural e do mercado de consumo, que cristaliza a juventude como tempo de liberdade, de prazer e se liga a ideia de moratória e experimentação. Por outro lado, 34,4% dos estudantes consideram o jovem como aquele que tem a possibilidade de transformar a realidade o que por si só é uma grande responsabilidade, aspecto que não foi citado pelos professores.

Considerando as diferenças nas percepções entre professores e estudantes é possível inferir que existe uma percepção pouco real dos docentes que responderam ao questionário em relação aos estudantes, o que justifica o uso da SD proposta com o objetivo de se contrapor ao modelo preconcebido de juventude, buscando conhecer os estudantes com os quais a escola e o professor trabalham (DAYRELL, 2009). A SD se propõe a aproximar professores e alunos, facilitando os processos de ensino aprendizagem e a busca da formação integral dos sujeitos.

7 VALIDAÇÃO E APRESENTAÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

A aplicação/apresentação do produto educacional, realizada em uma formação pedagógica teve como objetivo propiciar aos professores a vivência da SD e, com isso, sensibilizá-los – por meio do resgate de suas próprias memórias – quanto à importância de conhecer os alunos quando se objetiva a educação integral.

Tendo em vista a limitação do tempo disponibilizado foram realizadas as atividades previstas na SD referente à categoria denominada “É a minha cara!”, embora no decorrer delas fossem relatadas possibilidades das outras temáticas.

No início do encontro os docentes se mostraram desconfiados, pouco participativos e com receio de se expor perante os colegas, mas já no decorrer da primeira atividade proposta (nome desenhado) foi possível perceber que o clima foi mudando, ficando leve e descontraído. Nesta atividade cada participante desenhou seu nome e apresentou ao grupo, partindo da orientação que nome é a maneira como gosta de ser chamado e não necessariamente o que consta em sua certidão de nascimento. As respostas se misturavam entre lembranças da infância, da escola, da juventude e citações ao presente. Foi possível levá-los a perceber os aspectos negativos de alguns apelidos, já que vários se referiram a isso.

Na sequência iniciou-se o “autorretrato desenhado”, sendo que os professores foram instigados a realizar essa atividade com base em sua vivência no ensino médio. Cada participante revive sua história, a atividade se mostrou rica para apontar sentimentos, paixões, frases ditas, arrependimentos, inclusive resignificando-os. A atividade propiciou ainda mais descontração no grupo, abrindo espaço para comentários no sentido de se solidarizar com situações difíceis, perceber vivências semelhantes, notar a presença de vários grupos etários e de várias regiões do Brasil. Essa diversidade permitiu assinalar o conceito de “juventudes” e a importância de não tomar os alunos como massa e sim, como sujeitos que vivem esse período de maneiras diversas.

O encontro foi finalizado com a discussão do vídeo “Todos nós queremos ser jovens”, com duração aproximada de 10 minutos e que aborda as mudanças que ocorreram no conceito de juventude ao longo do tempo, mostrando que em cada época houve um jeito diferente viver esse período da vida. Foi possível iniciar uma reflexão sobre as semelhanças e diferenças no modo de viver a juventude dos

docentes ali presentes, além de trazer alguns elementos indicados pelos estudantes no questionário em relação à família, amigos, vivência escolar e das práticas esportivas. Os professores concluíram que apesar das mudanças, muitos elementos se mantêm presentes hoje, mesmo que, com nova roupagem.

Finalmente, foram apresentadas e brevemente discutidas com os docentes as demais etapas da SD, usando uma linguagem que convidasse à leitura completa do material, que foi disponibilizado por meio eletrônico, juntamente com um formulário de avaliação a ser respondido pelos docentes. Infelizmente, apesar da insistência da pesquisadora, apenas 7¹⁵ (30,43%) docentes presentes preencheram o formulário de avaliação, limitando as possibilidades de análise.

De todo modo, 100% dos respondentes consideraram que a SD cumpre o objetivo de favorecer que o professor conheça melhor os estudantes para os quais leciona. Dentre as sugestões para ampliação/modificação da SD, consideramos relevante a contribuição do professor R3, para quem seria importante incluir mais “atividades rítmicas e expressivas”.

Vale relatar que o docente R1 relatou no formulário ter utilizado com sucesso, partes da SD com seus alunos logo após o encontro, adaptando a dinâmica “auto-retrato desenhado” com a intenção de conhecer o que eles gostam de fazer. O mesmo docente considerou a SD “interessante adicionar para quebrar aquele gelo” que se coloca no início do ano.

Como limitações pode-se citar a falta de tempo para que a SD fosse trabalhada e discutida com os docentes. A realização da formação com um tempo maior tornaria possível a discussão dos temas ligados a compreensão de como o estudante está vivenciando o ensino médio integrado à EPT e quais seus sonhos e projetos para o futuro. Buscou-se minimizar essa limitação expondo os passos da SD não vivenciados e instigando os docentes à leitura do material completo.

¹⁵ Cada questionário representa a informação de um professor, sendo que para auxiliar a análise e discussão dessas informações optou-se em identifica-los. Cada docente neste caso foi representado pela letra R seguida de um número, por exemplo: R1, R2, R3 até R7.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa surgiu a partir da percepção difusa, baseada na vivência prévia da pesquisadora, de que os docentes tendem a compreender os alunos do ensino médio integrado à EPT de maneira genérica e descontextualizada, o que dificulta a aproximação ao objetivo da formação integral.

O caminho para realização da pesquisa, que inicialmente seria por meio de entrevistas grupais (grupos de discussão) precisou ser alterado diante das condições concretas que se impuseram. Os grupos de discussão seriam guiados por um projeto inicial da sequência didática com atividades direcionadas com o objetivo de conhecer os sujeitos que frequentam o ensino médio, que nos possibilitassem descobrir quem é esse estudante, o que ele gosta, valoriza, como está vivendo essa fase do ensino médio e o que espera do futuro.

A validação da sequência didática também aconteceria neste momento, demonstrando que ao utilizar as estratégias nela disponíveis os professores se aproximam de seus alunos, passam a ter um vínculo afetivo que favorece o processo de ensino aprendizagem. Essa ação permitiria repensar, caso fosse necessário, a sequência didática antes de sua finalização.

Infelizmente poucos estudantes se interessaram em participar, pois as duas tardes livres que estes jovens têm disponíveis – que num primeiro momento nos parecem ser livres –, são usadas por eles para várias atividades, inclusive para apenas viver sem compromisso. Eles têm uma vida fora da instituição escolar e outros interesses, como conversar com amigos, praticar esportes, estudar outros temas (sim, eles se interessam por outros temas além dos que estão previstos no currículo escolar), passear, estudar para as disciplinas que possuem dificuldades e descansar.

Com a impossibilidade de realizar os grupos de discussão a escolha para a coleta de dados passou a ser o uso de questionários, mesmo tendo clareza da limitação do seu uso para os fins dessa pesquisa. Se por um lado não foi possível avançar nos aspectos qualitativos das respostas usando questionário, ele ampliou o número de respondentes, trazendo assim, maior fidedignidade às análises e conclusões. Por outro lado, ao incluir os docentes como respondentes dos questionários foi possível confirmar que há sim, diferenças entre a autopercepção

dos jovens e a percepção de seus professores. Interessante observar que, durante a aplicação da SD os docentes puderam, ao vivenciar as atividades, se dar conta da diversidade de modos como o período do ensino médio foi vivido por eles, demonstrando que sua formulação, tendo os questionários como referência, permitiu cumprir o objetivo inicial: oferecer aos professores, ferramentas para conhecerem seus alunos.

A aplicação dos questionários forneceu informações ricas a respeito de quem são os estudantes que em 2019 cursavam o 1º ano do ensino médio integrado à EPT, elementos que foram pontuados durante a aplicação da SD com os docentes com a intenção de sensibilizá-los para a importância de superar a visão generalizante em relação aos alunos.

Por outro lado, as dúvidas e curiosidades surgidas durante a análise das respostas aos questionários permitem reiterar que os grupos de discussão oportunizariam quantidade e qualidade maior de informações, o que permitiria um conhecimento mais aprofundado a respeito dos jovens que cursam o 1º ano do EMI no *campus*.

Contudo, como o objetivo da pesquisa não era descrever quem são esses jovens e sim, fornecer elementos metodológicos para que os professores passem a conhecer melhor seus alunos, a mudança de estratégia não invalidou o processo de pesquisa e elaboração da SD.

Os dados obtidos por meio dos questionários demonstraram que a hipótese inicial – de que os professores tendem a generalizar os jovens sob o rótulo de “alunos” – se confirmou, o que denota mais uma vez a importância da SD proposta.

A aplicação do produto educacional com os docentes do primeiro ano do ensino médio integrado, mesmo com os limites de tempo para tal, se mostrou um importante momento de reflexão para eles, permitindo que fossem pontuados elementos relevantes acerca da importância de conhecer o aluno com o qual se trabalha numa instituição que tem por objetivo/princípio a oferta de educação integral.

Foi possível também observar a positividade de a SD ser aplicada integralmente por um professor ou ser dividida entre diversos professores que atuam com a mesma turma (sugestão dos docentes) e posterior reunião de socialização das “descobertas”. Com efeito, a SD foi construída com a possibilidade

de ser flexível, ela pode (e deve) ser modificada e melhorada de acordo com as necessidades e experiências de cada professor.

O retorno imediato (forma de agir durante a aplicação do produto), bem como as respostas ao formulário de avaliação (embora com pouca participação dos docentes) indicam que a SD tem a potencialidade de instigar a reflexão sobre os temas propostos. Nesse sentido, é significativa a contribuição do professor R7, segundo o qual “ao conhecermos melhor nosso aluno conhecemos melhor a nós mesmos, com isso, o planejamento das aulas pode ser pautado em interesses e expectativas comuns”.

A realização da pesquisa proporcionou uma reflexão crítica a respeito da visão inicial que a moveu. Partiu-se da percepção que os docentes têm uma visão vaga e difusa que resume os jovens a uma categoria única e homogênea, que denominamos “alunos”, alheia às condições de vida, necessidades e expectativas desses sujeitos. No decorrer da caminhada, compreendendo a multiplicidade de formas de viver a juventude, também foi se construindo a percepção de que os docentes também não podem ser tomados como categoria única.

É importante destacar que assim como o aluno, o docente também é um ser único, resultado de múltiplas determinações. Dayrell e De Paula (2011) apontam que a categoria docentes é composta de sujeitos únicos, são mais do que professores, são sujeitos que além da identidade profissional vivem em seu dia a dia outras práticas, outros coletivos sociais, étnicos e geracionais. Os mesmos autores concluem que exercitar a reflexividade por parte deles pode ser um caminho que nos traga um novo olhar sobre os alunos, uma maneira de aproximar os olhares dos professores das vivências dos estudantes. Portanto, embora realmente haja uma percepção frágil e homogeneizada da maioria dos professores em relação aos jovens que frequentam o EMI, tal situação se coloca devido a vários fatores. Embora não tenha sido objeto de da pesquisa, é possível indicar que elementos tais como a formação docente, a história de vida de cada professor, a maneira como a educação é concebida ao longo da história, a configuração da instituição escolar, dentre outros, contribuem para a visão simplista em relação aos estudantes.

Ao encerrar esse texto, é relevante destacar a necessidade de aprofundamento teórico que permita sair da visão sincrética em relação a uma compreensão cada vez mais orgânica sobre a realidade conforme defendido por (KOSIK,1976), seja em ações de pesquisa como a que foi empreendida, seja para

fundamentar a ação docente e da escola como um todo se a intenção é nos aproximarmos da educação integral.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam. Coord. Juventudes na escola, sentidos e buscas: Por que frequentam? / Miriam Abramovay, Mary Garcia Castro, Júlio Jacobo Waiselfisz. **Brasília – DF: Flacso – Brasil, OEI, MEC, 2015.**

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.**/ Laurence Bardin; Tradução Luis Antero Reto, Augusto pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BOCK, Ana Mercês Bahia. A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 24, n. 62, p. 26-43, abril 2004

BRASIL. **Lei nº 5692**, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. MEC. Ensino de 1º e 2º grau. –Brasília, 11 de agosto de 1971. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/5692.htm> Acesso em: 09/07/2019

BRASIL. **Lei nº 7044**, de 18 de outubro de 1982. Altera dispositivos da Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, referentes a profissionalização do ensino de 2º grau. Brasília, 18 de outubro de 1982. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7044.htm> Acesso em: 09/07/2019

BRASIL. **Lei nº 8.069**, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, 13 de julho de 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm> Acesso em: 09/07/2019.

BRASIL.. **Lei nº 9394**, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Brasília, 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1996/lei-9394-20-dezembro-1996-362578-norma-Atualizada-pl.html>> Acesso em: 09/07/2019

BRASIL, **Decreto nº 2208**, de 17 de abril de 1997. Regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 42 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e dá outras providências. Brasília, DF, 1997 . Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D2208.htm> Acesso em: 15/04/2019.

BRASIL. **Parecer CNE/CEB nº 16/99** - Trata das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf_legislacao/rede/legisla_rede_parecer1699.pdf> Acesso em: 20/11/2018.

BRASIL, **Decreto nº 5154**, de 23 de julho de 2004. Regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 41 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e dá outras providências. Brasília, DF: 23 de julho de 2004. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Decreto/D5154.htm> Acesso em: 15/04/2019.

BRASIL. **Lei nº 11.892**, de 29 de dezembro de 2008. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11892.htm> Acesso em: 06/11/2018.

BRASIL. **Lei nº 12.852**, de 5 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude – SINAJUVE. Brasília, 5 de agosto de 2013. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm> Acesso em: 09/07/2019.

CAMARANO, Ana Amélia. **Transição para a Vida Adulta ou Vida Adulta em Transição?** Ana Amélia Camarano (organizadora) / Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=5504>. Acesso em: 09/07/2019.

CANALI, Heloisa Helena Barbosa. A trajetória da educação profissional no Brasil e os desafios da construção de um ensino médio integrado à educação profissional. **Cadernos do programa de desenvolvimento educacional do estado do Paraná**, Curitiba-PR, 2009.

CIAVATTA, Maria. A FORMAÇÃO INTEGRADA A ESCOLA E O TRABALHO COMO LUGARES DE MEMÓRIA E DE IDENTIDADE. **Revista Trabalho Necessário, [S.l.], v. 3, n. 3, oct. 2008. ISSN 1808-799X**. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/6122>>. Acesso em: 28 apr. 2020. doi:<https://doi.org/10.22409/tn.3i3.p6122>.

CIAVATTA, Maria. O ENSINO INTEGRADO, A POLITECNIA E A EDUCAÇÃO OMNILATERAL. POR QUE LUTAMOS?/The integrated education, the polytechnic and the omnilateral education. Why do we fight?. **Trabalho & Educação-ISSN 1516-9537/e-ISSN 2238-037X**, v. 23, n. 1, p. 187-205, 2014.

COIMBRA, C. C.; BOCCO, F.; NASCIMENTO, M. L. Subvertendo o conceito de adolescência. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 57, n. 1, p. 2-11, 2005.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (CAPES). Diretoria de Avaliação. **Documento de área 2016**. Área de avaliação: Ensino. Coordenadora de área: Tania Cremonini de Araújo-Jorge. 2016. Disponível em: <https://capes.gov.br/images/documentos/Documentos_de_area_2017/DOCUMENTO_AREA_ENSINO_24_MAIO.pdf>. Acesso em: 09 mar. 2020.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (CAPES). Diretoria de Avaliação. **Requisitos para a Apresentação de Propostas de Cursos Novos (APCN)**. Área de avaliação: Ensino. Coordenadora de área: Tania Cremonini de Araújo-Jorge. 2016. Disponível em: <https://capes.gov.br/images/documentos/Criterios_apcn_2semestre/Crit%C3%A9rios_de_APCN_2017_-_Ensino.pdf>. Acesso em: 09 mar. 2020.

CORREA, Lycinia Maria; ALVES, Maria Zenaide; MAIA, Carla Linhares. Cadernos temáticos: juventude brasileira e Ensino Médio. **Belo Horizonte: Editora UFMG**, 2014.

CORTI, Ana Paula. **O encontro das culturas juvenis com a escola** / Ana Paula Corti, Maria Virgínia de Freitas, Marília Pontes Sposito. – São Paulo: Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação, 2001.

DAYRELL, Juarez. O Jovem como Sujeito Social. **Rev. Bras. Educ. [online]**. 2003, n.24, pp.40-52. ISSN 1413-2478. Disponível em: <<http://observatoriodajuventude.ufmg.br/publication/o-jovem-como-sujeito-social/>>. Acesso em 10/11/2018

DAYRELL, Juarez. Uma diversidade de sujeitos O ALUNO DO ENSINO MÉDIO: O JOVEM DESCONHECIDO. **Juventude e Escolarização: os sentidos do Ensino Médio. TV Escola, Salto para o futuro: Secretaria da Educação a distância, Ministério da Educação, ano XIX, boletim, v. 18, 2009**. Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000012176.pdf>>. Acesso em: 24 mar. 2020.

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo. Juventude e ensino médio: quem é este aluno que chega à escola. **Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo. Belo Horizonte: UFMG**, p. 101-133, 2014.

DAYRELL, J. T.; DE PAULA, S. G. Situação juvenil e formação de professores: Diálogo possível?. Formação Docente – **Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores**, v. 3, n. 4, p. 33-53, 30 jun. 2011.

DRAGO, Crislaine Cassiano. **Concepções de formação humana nas políticas de educação profissional e sua materialidade no ensino médio integrado do Instituto federal do Amapá**. 2018. 177 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação Profissional) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

ESTEVES, Luiz Carlos Gil; ABRAMOVAY, Miriam. Juventude, juventudes: pelos outros e por elas mesmas. **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**, p. 21-56, 2007.

FREITAS, Maria Virgínia de (Org.). **Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais**. 2ª ed. São Paulo: Ação Educativa, 2005. 40 p.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia: relação com o ensino médio integrado e o projeto societário de desenvolvimento / Gaudêncio Frigotto, organizador. **Rio de Janeiro: UERJ, LPP**, 2018.

FRIGOTTO, Gaudêncio et al. O "estado da arte" das pesquisas sobre os IFs no Brasil: a produção discente da pós-graduação – de 2008 a 2014 / Frigotto, Gaudêncio. Organizador. **Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia: relação com o ensino médio integrado e o projeto societário de**

desenvolvimento / Gaudêncio Frigotto, organizador. Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2018

GRAMSCI, A. Caderno 12. **Apresentação, comentários e revisão da tradução:** Paolo Nosella. Universidade Federal de São Carlos, 1989. (mimeo)

INSTITUTO CIDADANIA (2004): **Projeto Juventude**. Documento de conclusão. Versão inicial para discussão, complementação e ajustes. São Paulo: Instituto Cidadania.

INSTITUTO FEDERAL CATARINENSE. **Projeto Pedagógico de Curso de Educação Profissional Técnica de Nível Médio**. Curso Técnico em Eletromecânica Integrado ao Ensino Médio, 2017. Disponível em: <http://blumenau.ifc.edu.br/medio-eletromecanica/wp-content/uploads/sites/18/2016/02/PPC_Eletromecanica_Integrado.2017.-FINAL.SCPF_.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2019.

INSTITUTO FEDERAL CATARINENSE. **Projeto Pedagógico de Curso de Educação Profissional Técnica de Nível Médio**. Curso Técnico em Eletromecânica Integrado ao Ensino Médio, 2019. Disponível em: <http://blumenau.ifc.edu.br/medio-informatica/wp-content/uploads/sites/17/2016/02/PPC_2019.pdf>. Acesso em: 01 set. 2019.

INSTITUTO FEDERAL CATARINENSE. **Plano de Desenvolvimento Institucional**. Blumenau: IFC, 2019. Disponível em: <http://consuper.ifc.edu.br/wp-content/uploads/sites/14/2019/01/PDI_2019-2023_VERSO_FINAL_07.06.2019_-_ps_Consuper.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2020.

INSTITUTO FEDERAL CATARINENSE. **Plano de Ensino da disciplina de Bases Conceituais para Educação Profissional e Tecnológica**. Instituto Federal Catarinense – Câmpus Blumenau semestre 2018/2. Blumenau. 2018.

KOSIK, Karel, 1926. **Dialética do concreto**; tradução de Célia Neves e Alderico Toríbio, 2. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.

LEÃO, Geraldo; DAYRELL, Juarez Tarcísio; REIS, Juliana Batista dos. Juventude, projetos de vida e ensino médio. **Educação & Sociedade**, v. 32, n. 117, p. 1067-1084, 2011. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/es/v32n117/v32n117a10.pdf> >. Acesso em: 10 mar. 2020.

MALFITANO, Ana Paula Serrata. Juventudes e contemporaneidade: entre a autonomia e a tutela. **Etnográfica** [Online], vol. 15 (3) | 2011, Disponível em :<<http://journals.openedition.org/etnografica/1060> ; DOI : 10.4000/etnografica.1060>. Acesso: 10/07/2019

MARTINS, Carlos Henrique dos Santos; CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. A escola diante das culturas juvenis: reconhecer para dialogar . **Educação (UFSM)**, Santa Maria, p. 43-56, abr. 2011. ISSN 1984-6444. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/2910>>. Acesso em: 28 abr. 2020. doi:<http://dx.doi.org/10.5902/198464442910>.

MINAYO, MC de S. A condição juvenil no século XXI. **Amor e Violência: Um paradoxo das relações de namoro e do 'ficar' entre jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/4c6bv/pdf/minayo-9788575413852-03.pdf>>.. Acesso em: 24 mar. 2020.

MOLL, Jaqueline e colaboradores. **Educação Profissional e tecnológica no Brasil contemporâneo: desafios, tensões e possibilidades**. Porto Alegre : Artmed, 2010.

MOURA, Dante Henrique e colaboradores. **Educação Profissional e tecnológica no Brasil contemporâneo: desafios, tensões e possibilidades**. Porto Alegre : Artmed, 2010.

Observatório da Juventude da UFMG. **Breve Histórico**. Site oficial. Disponível em: <<http://observatoriodajuventude.ufmg.br/sobre/breve-historico/>>. Acesso em: 10/11/2018

Observatório do Ensino Médio da Universidade Federal do Paraná. **Quem somos**. Site oficial. Disponível em: <<http://www.observatorioadoensinomedio.ufpr.br/about/>>. Acesso em: 10/11/2018

Observatório Jovem do Rio de Janeiro (RJ). **Histórico**. Site oficial. Disponível em: <<http://www.observatoriojovem.uff.br/?q=hist%C3%B3rico>>. Acesso em: 10/11/2018

Olczyk, Simone Voltolini; SUHR, Inge Renate Frose. Jovens que Frequentam o Ensino Médio Integrado: Ilustres Desconhecidos? **Série Reflexões na Educação**. Vol 8. 2020. No prelo.

PACHECO, Eliezer Moreira; PEREIRA, Luiz Augusto Caldas e SOBRINHO, Moisés Domingos. Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia: Limites e Possibilidades. **Linhas Críticas, Brasília, DF**, v. 16, n. 30, p. 71-88, jan./jun. 2010.

PAIS, José Machado. **A Juventude como Fase de Vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse**. **Análise Social**, vol.XXV(105-106), 1990 (1.º, 2.º), 139-165. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-12902009000300003&script=sci_abstract&tlng=pt>, acesso em 11/07/2019

Portal Ensino Médio Emdialogo. **Site oficial**. Disponível em: <<http://www.emdialogo.uff.br/>>. Acesso em: 10/11/2018

RAMOS, M. Concepção do ensino médio integrado à formação profissional. **Seminário sobre Ensino Médio, Natal, SEE-RN**, 2007.

RAMOS, Marise. Concepção do ensino médio integrado. In: **SEMINÁRIO SOBRE ENSINO MÉDIO, 2008. Secretaria de Educação do Pará**. 08-09 maio 2008. Disponível em: <http://forumeja.org.br/go/sites/forumeja.org.br/go/files/concepcao_do_ensino_me>

[dio_integrado5.pdf](#)>.. Acesso em: 10 mar. 2020.

RAMOS, Marise Nogueira. História e política da educação profissional. **Curitiba: Instituto Federal do Paraná**, v. 5, 2014.

SANTOS, Jailson Alves dos. **A trajetória da educação profissional**. In: Lopes, et al (org.). 500 anos de educação no Brasil. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SAVIANI, Dermeval. A Pedagogia Histórico-Crítica. **Revista RBBA, ISSN 23161205**, Vitória da Conquista, V. 3 nº 02, p. 11 a 36, Dezembro/2014

SCHENKEL, Cladecir Alberto. **Gestão ambiental: perfil profissional e formação em cursos superiores de tecnologia e de bacharelado**. 2012. 348 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012.

SCOSS, Daniela Moraes. **Esporte e juventude. Uma experiência em educação pelo esporte**, 2002. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/40e57115e0d3402e3342330dbb11f987.pdf>>.. Acesso em: 26 mar. 2020.

SERRÃO, Margarida. **Aprendendo a ser e a conviver**. / Margarida Serrão e Maria Clarice Baleeiro; [colaboradores Feizi M. Milani, Gisele Ribeiro e Kátia Queiroz]. – 2. ed. – São Paulo: FTD, 1999.

SILVA, Carla Regina; LOPES, Roseli Esquerdo. Adolescência e juventude: entre conceitos e políticas públicas. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 17, n. 2, 2009.

SOUZA, Lucas Bittencourt de. **Juventude e adolescência sob o olhar dos jovens participantes do projeto jovem aprendiz**. 2014. 67 f. Trabalho de conclusão de curso (Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Serviço Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

SPOSITO, M. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. **Tempo Social**, v. 5, n. 1/2, p. 161-178, 1993. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/84954/87682>> . Acesso em: 15/07/2019

SUHR, Inge Renate Frose. **Ensino médio de formação geral: possibilidade de ampliação da inserção laboral da classe que vive do trabalho**. Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 2014. Disponível em: <http://www.ppge.ufpr.br/teses%20d2014/d2014_Inge%20Renate%20Frose%20S Uhr.pdf>. Acesso em: 12/07/2019.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.

TIECHER, Adilson Luiz; KORBES, Cleci; e DA SILVEIRA, Débora Aparecida. **Escola, jovens e tecnologias na visão de professores de Ensino Médio**. Juventude e Escolarização: os sentidos do Ensino Médio. TV Escola, Salto para o futuro: Secretaria da Educação a distância, Ministério da Educação, ano XIX,

boletim, v. 18, 2009. Disponível em: <
<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000012176.pdf>>. Acesso
em: 24 mar. 2020.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**; tradução Ernani F. Da F. Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.

APÊNDICE A - Questionário de coleta de dados - alunos

Caro Estudantes,

Me chamo Simone, sou servidora do IFC Blumenau e estudante de Mestrado. Durante o mês de outubro havia convidado vocês, alunos do 1º ano do ensino médio do IFC, a participarem do projeto de Mestrado intitulado “(RE) CONSTRUINDO OLHARES: CAMINHOS METODOLÓGICOS PARA CONHECER OS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO”. Entendo que não foi possível a participação presencial de vocês pois já é final de ano e são muitos os compromissos.

Por isso convido vocês neste momento a contribuírem com meu projeto de pesquisa de outra forma, respondendo algumas questões.

A proposta continua a mesma, utilizar essas informações para realizar uma sequência didática que o professor (do nosso IFC e de outros IF's) vai poder utilizar no futuro para melhor compreender seus alunos.

O projeto foi aprovado pelo comitê de ética em pesquisa com seres humanos do IFC.

Sua privacidade e confidencialidade é garantida, não é possível identificar os respondentes.

Aceito participar da pesquisa, sabendo que não serei identificado.

SIM

1. Com qual gênero você se identifica?

Feminino Masculino Prefiro não dizer

2. Assinale até 5 itens que descrevem coisas que você gosta de fazer:

- Ouvir música
- Estudar
- Praticar esportes
- Jogar no computador/celular
- Fazer cursos

- () Ir ao shopping
- () Assistir filmes através do uso da internet
- () Navegar nas redes sociais
- () Ver televisão
- () Ler livros/revistas/jornais
- () Ir ao cinema
- () Ficar pela rua com amigos
- () Participar de atividades religiosas
- () Ir a museus/exposições/concertos
- () Tocar algum instrumento
- () Ficar sem fazer nada
- () Ir ao teatro

3. Indique três coisas da sua vida que lhe causam “paixão”. (pode ser uma ideia, uma atividade, um esporte, etc.)

1. _____
2. _____
3. _____

4. Escreva uma meta/objetivo que deseja alcançar no decorrer do ensino médio

5. Para você ser jovem é: (marque até 5 itens)

- () Viver o momento sem se preocupar com o futuro
- () Ter mais oportunidades de estudar que os pais
- () Ter muitas obrigações e pouco tempo livre
- () Aproveitar ao máximo a vida
- () Experimentar coisas e lugares desconhecidos
- () Conviver com mudanças aceleradas no corpo e na alma
- () Ser muito cobrado a escolher uma profissão
- () Ter dúvidas em relação à sexualidade
- () Poder conviver intensamente com amigos
- () Buscar seu espaço, de acordo com o que acredita

- Ter a possibilidade de transformar a realidade
 - Não ter certeza sobre o futuro
 - Ter receio da violência
 - Entrar em conflito com pais e professores
 - Ser incompreendido e desacreditado pelos adultos
 - Outra coisa. Qual?
-

6. Analisando a realidade em que vive, você considera que estamos numa época...

- Em que há mais oportunidades do que tiveram meus pais
- em que está cada vez mais difícil ser alguém na vida

Explique sua resposta:

7. Quando você entrou no IFC, esperava... (marque até 5 itens)

- Uma boa escola para estudar, com bom ambiente e bons professores
- Conviver com vários amigos que também vieram estudar aqui
- Uma escola que me preparasse para o mercado de trabalho por ter curso técnico
- Uma escola que me preparasse para o ENEM e o vestibular
- Uma escola em que eu fosse visto e valorizado
- Uma escola “forte”
- Que fosse um ambiente acolhedor
- Que me preparasse para a vida em sociedade
- Não esperava muita coisa, foram meus pais que decidiram me matricular aqui

8. E hoje, como você enxerga o IFC? (marque até 5 itens)

- Lugar onde nos passam muitas informações e conhecimentos importantes
- Oferece oportunidade de participar de várias atividades esportivas
- Um espaço onde somos ensinados para crescer profissionalmente
- Nos incentiva a pensar e não a decorar
- Uma escola com aulas monótonas e pouco interativas

- Prepara bem para o vestibular desde o primeiro ano
- É um ambiente favorável para todos aprenderem
- Não prepara nem para o trabalho nem para o vestibular
- É um lugar onde o jovem pode se expressar
- Oferece várias atividades diferentes, como dança, música, teatro
- Um lugar chato, no qual eu não gosto de estar
- Um local em que todos são respeitados independente de cor, religião, orientação sexual, nacionalidade ou cultura
- Um espaço que não cobra suficiente dos estudantes
- Um lugar onde alunos podem participar de decisões do dia-a-dia da escola
- Um lugar em que os alunos são desrespeitados
- Não tem o vestibular como ponto principal e sim, a preparação para a vida em sociedade

9. Se você pudesse construir ou modificar algum espaço da escola, o que faria?

10. O que você espera dos Professores no IFC: (marque até 5 itens)

- Que se dediquem a ajudar os alunos com dificuldade
- Que sejam mais criativos em relação ao jeito de dar aula
- Que expliquem a matéria e tenham paciência de explicar de outro modo quando alguém não entende
- Que saibam ser autoridade em sala de aula
- Que se preocupem com nosso aprendizado e também com nosso bem estar
- Que sejam amigos dos alunos
- Que usem materiais diversificados para ajudar em nosso aprendizado
- Que saibam elaborar as avaliações de modo que realmente capturem o que aprendemos
- Que nos avisem antes quais serão os critérios de avaliação
- Que nos deem espaço para conversar com eles sobre assuntos fora da matéria
- Que percebam a turma em suas dificuldades e potencialidades
- Que planejem bem as aulas

- () Que proponham diferentes atividades nas aulas
- () Que relacionem os conteúdos com a vida cotidiana

11. Como seria uma escola que te faria FELIZ? (marque até 5 itens)

- () Deveria ter uniforme, material escolar e refeições gratuitas
- () Deveria abrir nos sábados e domingos com atividades de recreação
- () Todas as aulas seriam divertidas
- () Teria muito esporte
- () Não faria cobranças em excesso
- () Teria muitas atividades extraclasse como oficinas culturais, cinema, música, dança, teatro
- () Valorizaria o conhecimento que já tenho, mas me empurraria a saber mais
- () Nela eu poderia ser eu mesmo
- () Exigiria o máximo de mim
- () Teria atividades que ajudam os alunos a lidarem com as emoções
- () Trabalharia intensamente na preparação para o vestibular
- () Aprenderíamos muito em laboratórios e com simulações
- () Haveria muita relação entre teoria e prática
- () Os alunos não precisariam aprender coisas que não fossem realmente usadas
- () Haveria espaço e tempo para o convívio entre os alunos
- () Ofereceria muitas visitas técnicas para os alunos concretizarem o conteúdo
- () Ofereceria atividades de criação de vídeos, jornais, rádio, blog, fotografia e outras mídias

12. Agora, reflita sobre como deveria ser uma ESCOLA QUE REALMENTE

GARANTISSE O APRENDIZADO de todos e assinale até 5 itens:

- () Deveria ter uniforme, material escolar e refeições gratuitas
- () Deveria abrir nos sábados e domingos com atividades de recreação
- () Todas as aulas seriam divertidas
- () Teria muito esporte
- () Não faria cobranças em excesso
- () Teria muitas atividades extraclasse como oficinas culturais, como cinema, música, dança, teatro
- () Valorizaria o conhecimento que já tenho, mas me empurraria a saber mais

- () Nela eu poderia ser eu mesmo
- () Exigiria o máximo de mim
- () Teria atividades que ajudam os alunos a lidarem com emoções
- () Trabalharia intensamente na preparação para o vestibular
- () Aprenderíamos muito em laboratórios e com simulações
- () Haveria muita relação entre teoria e prática
- () Os alunos não precisariam aprender coisas que não fossem realmente usadas
- () Haveria espaço e tempo para o convívio entre os alunos
- () Ofereceria muitas visitas técnicas para os alunos concretizarem o conteúdo
- () Ofereceria atividades de criação de vídeos, jornais, rádio, blog, fotografia e outras mídias

13. Daqui a 10 anos, como você imagina que será sua vida? (marque até 5 itens)

- () Tendo minha própria casa
- () Constituindo família
- () Formado em algum curso superior
- () Trabalhando num bom emprego
- () Trabalhando por conta própria
- () Trabalhando na mesma área que vou me formar no IFC no ensino médio
- () Tendo muito dinheiro
- () Tendo o dinheiro suficiente para sobreviver
- () Viajando, conhecendo outros lugares
- () Como dono de uma grande empresa
- () Fazendo intercâmbio em outros países
- () Sendo importante, famoso
- () Sendo respeitado como cidadão e profissional
- () Participando ativamente de uma causa social
- () Tendo uma boa fonte de renda sem precisar fazer faculdade
- () Trabalhando no negócio da minha família
- () Outra coisa. Qual? _____

14. Em relação ao futuro, quais são seus maiores medos são:(marque até 5 itens)

- () Não conseguir fazer na faculdade o curso que eu sonho
- () Não ter condições de fazer faculdade
- () Não conseguir me sustentar sozinho
- () Não conseguir um bom emprego
- () Ter filhos sem estar preparado
- () A violência urbana
- () A situação política e econômica do país
- () Perder meus pais
- () Não conseguir trabalhar na área em que sonho
- () Ter alguma doença séria
- () Não ser aceito pelas minhas escolhas (de religião, sexualidade, visão de mundo)

APÊNDICE B - Questionário de coleta de dados - Docentes

Prezado(a) professor(a)

Como aluna do mestrado profissional em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado em rede nacional, com sede regional no campus Blumenau, estou realizando uma pesquisa que busca contribuir para que os docentes que atuam no ensino médio integrado nos Institutos Federais de Educação Profissional e Tecnológica, obtenham maiores informações sobre quem são os alunos com os quais atuam, já que atualmente a juventude pode ser vivida de modos muito diferenciados.

O projeto de pesquisa é intitulado “(RE) CONSTRUINDO OLHARES: CAMINHOS METODOLÓGICOS PARA CONHECER OS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO” e para enriquecer a pesquisa, solicito sua participação respondendo algumas questões ligadas ao tema “Juventude e Escola”.

Ressalto que o projeto de pesquisa foi aprovado pelo comitê de ética em pesquisa com seres humanos do IFC e que sua privacidade e confidencialidade são garantidas, pois não é possível identificar os respondentes.

Aceito participar da pesquisa, sabendo que não serei identificado.

SIM

1. Com qual gênero você se identifica?

Feminino

Masculino

Prefiro não dizer

2. A(s) disciplina(s) que você leciona são:

Da área técnica

Do núcleo básico

3. Se você pensar nos alunos que entram no 1º ano do IFC, que coisas você acha que eles gostam de fazer?

(marque até 5 itens)

- Ouvir música
- Praticar esportes
- Estudar
- Ir ao shopping
- Jogar no computador/celular
- Navegar nas redes sociais
- Fazer cursos
- Ver televisão
- Assistir filmes através do uso da internet
- Ir ao cinema
- Ler livros/revistas/jornais
- Participar de atividades religiosas
- Ficar pela rua com amigos
- Ir a museus/exposições/concertos
- Ir ao teatro
- Ficar sem fazer nada

4. Para você ser jovem hoje é:

(marque até 5 itens)

- Viver o momento sem se preocupar com o futuro
- Ser mais informado que os jovens de antigamente, sabendo o que quer
- Não ter limites
- Ter mais oportunidades de estudar do que as gerações anteriores
- Ter muitas obrigações e pouco tempo livre
- Aproveitar ao máximo a vida
- Experimentar coisas e lugares desconhecidos
- Não ter noção do certo e do errado
- Conviver com mudanças aceleradas no corpo e na alma
- Ser muito cobrado a escolher uma profissão
- Não ver a escola como espaço rico para a aprendizagem
- Poder conviver intensamente com os amigos

- () Ter dúvidas em relação à sexualidade
- () Buscar seu espaço, de acordo com o que eles acreditam
- () Usar a violência de maneira gratuita
- () Ter a possibilidade de transformar a realidade
- () Não ter certeza sobre o futuro
- () Ser apático
- () Ser irresponsável
- () Ter receio da violência
- () Entrar em conflito com pais e professores
- () Não respeitar regras e hierarquia
- () Ser incompreendido e desacreditado pelos adultos
- () Ser rebelde, atrevido
- () Ser acomodado
- () Outra coisa. Qual? _____

5. Caso tenha assinalado OUTROS na questão anterior, poderia descrever o que é ser jovem?

6. Analisando a realidade em que vive, você considera que estamos numa época em que o jovem tem ...

- () mais oportunidades do que as gerações anteriores
- () em que está cada vez mais difícil ser alguém na vida

Explique sua resposta: _____

7. Você imagina que os alunos se matriculam no IFC porque...

- () É uma boa escola para estudar, com bom ambiente e bons professores
- () Querem conviver com vários amigos que também vieram estudar aqui
- () Esperam uma escola que prepare para o mercado de trabalho por ter curso técnico
- () Querem uma escola que me prepare para o ENEM e o vestibular
- () Querem uma escola em que sejam vistos e valorizados

- () Querem uma escola “forte”
- () Querem um ambiente acolhedor
- () Querem uma escola que os prepare para a vida em sociedade
- () Não esperava muita coisa, foram seus pais que decidiram
- () Eles não sabem muito bem o que querem
- () Acham que é um lugar agradável, sem muitas cobranças

8. Pensando em seus alunos do 1º ano do ensino médio, considerando o final do ano letivo, como você imagina que eles enxergam o IFC como...

(marque até 5 itens)

- () Um lugar onde são passadas muitas informações e conhecimentos importantes
- () Um lugar que oferece oportunidade de participar de várias atividades esportivas
- () O espaço onde são ensinados para crescer profissionalmente
- () Um lugar que incentiva a pensar e não a decorar
- () Uma escola com aulas monótonas e pouco interativas
- () Uma escola que prepara bem para o vestibular desde o primeiro ano
- () Um ambiente favorável para todos aprenderem
- () Uma escola que não prepara nem para o trabalho nem para o vestibular
- () Um lugar onde o jovem pode se expressar
- () Um local que oferece várias atividades diferentes, como dança, música, teatro
- () Um lugar chato, no qual não gostam de estar
- () Um local em que todos são respeitados independente de cor, religião, orientação sexual, nacionalidade ou cultura
- () Um espaço que não cobra suficiente dos estudantes
- () Um lugar onde alunos podem participar de decisões do dia-a-dia da escola
- () Um lugar em que os alunos são desrespeitados
- () Uma escola que não tem o vestibular como ponto principal e sim, a preparação para a vida em sociedade

9. Agora, reflita sobre como deveria ser uma ESCOLA QUE REALMENTE GARANTISSE O APRENDIZADO de todos e assinale até 5 itens:

- () Deveria ter uniforme, material escolar e refeições gratuitas
- () Todas as aulas seriam divertidas

- Teria muito esporte
- Não faria cobranças em excesso
- Teria muitas atividades extraclasse como oficinas culturais, como cinema, música, dança, teatro
- Valorizaria o conhecimento que o aluno já tem, mas o empurraria a saber mais
- Haveria cursos de nivelamento dos conhecimentos para alunos com defasagem
- Exigiria o máximo de seus alunos
- Teria atividades que ajudam os alunos a lidarem com emoções
- Trabalharia intensamente na preparação para o vestibular
- Trabalharia muito em laboratórios e com simulações
- Haveria muita relação entre teoria e prática
- Os alunos não precisariam aprender coisas que não fossem realmente usadas
- Haveria espaço e tempo para o convívio entre os alunos
- Ofereceria muitas visitas técnicas para os alunos concretizarem o conteúdo
- Ofereceria atividades de criação de vídeos, jornais, rádio, blog, fotografia e outras mídias
- Os alunos e professores participariam nas decisões feitas pela Gestão Escolar
- As salas de aula seriam equipadas para que o professor pudesse utilizar metodologias variadas
- O material didático seria escolhido com a participação do professor da disciplina
- O auxílio estudantil deveria contemplar todos os alunos
- As regras para ingresso deveriam ser exigentes para trabalharmos com turmas em que o conhecimento prévio seja equilibrado entre os alunos
- As turmas deveriam ser menores possibilitando ao professor um ensino de mais qualidade para com o aluno

10. Pensando nos alunos que você tem no 1º ano hoje, como você os imagina daqui a 10 anos?

(marque até 5 itens)

- Constituindo família
- Formados em algum curso superior
- Trabalhando num bom emprego
- Trabalhando por conta própria
- Trabalhando na mesma área que se formaram no IFC no ensino médio

- () Tendo muito dinheiro
- () Tendo o dinheiro suficiente para sobreviver
- () Viajando, conhecendo outros lugares
- () Como donos de uma grande empresa
- () Fazendo intercâmbio em outros países
- () Sendo importantes, famosos
- () Sendo respeitados como cidadão e profissional
- () Participando ativamente de uma causa social
- () Tendo uma boa fonte de renda sem precisar fazer faculdade
- () Trabalhando no negócio da família
- () Outra coisa. Qual? _____

Se você marcou outros na pergunta anterior, como você imagina seus alunos do 1º ano daqui a 10

anos: _____

11. Relembre seu tempo de ensino médio. O que te fazia feliz na escola?

(marque até 5 itens)

- () O espaço físico, que era muito bom
- () Conversar com meus amigos
- () A qualidade dos professores que tive
- () As brincadeiras que aconteciam nos intervalos
- () As festas que eram promovidas pela escola
- () As aulas de educação física
- () Os jogos e esportes que aconteciam no contraturno
- () Ser valorizado e respeitado em minhas dificuldades e potencialidades
- () As atividades extraclasse como oficinas culturais, cinema, música, dança, teatro
- () Conhecer gente legal
- () As aulas, pois eu tinha ótimos professores
- () As aulas em laboratórios
- () As visitas técnicas realizadas para complementar o conhecimento teórico
- () A participação no grêmio estudantil

APÊNDICE C - Questionário de validação produto educacional

(RE) CONSTRUINDO OLHARES:CAMINHOS METODOLÓGICOS PARA CONHECER OS JOVENS DO ENSINOMÉDIO INTEGRADO

Prezado(a) professor(a)

Conforme combinado no dia da formação pedagógica (05/02/2020), estou questionário para suas contribuições. A sua participação nesta etapa é muito importante para concluir minha pesquisa de Mestrado.

Obrigada,

1. Em sua análise, a Sequência Didática "(RE) CONSTRUINDO OLHARES: CAMINHOS METODOLÓGICOS PARA CONHECER OS JOVENS DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO" atinge o objetivo proposto que é o de proporcionar, por meio da elaboração de uma sequência didática, estratégias que possam ser utilizadas pelos docentes atuantes no ensino médio integrado à educação profissional para melhor conhecerem os jovens com os quais atuam?

() Sim

() Não

2. Na sua opinião mudariam algo? Por quê?

3. Gostaria de fazer alguma sugestão em relação a Sequência Didática?

APÊNDICE D - Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE)

Pais, Mães e/ou Responsáveis Legais

(RE) CONSTRUINDO OLHARES: CAMINHOS METODOLÓGICOS PARA
CONHECER OS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO

Prezado participante,

Seu filho (a) _____, está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada “(Re)construindo olhares: caminhos metodológicos para conhecer os estudantes do ensino médio integrado”, desenvolvida por Simone Voltolini Olczyk, discente do curso de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) do Instituto Federal Catarinense (IFC) *campus* Blumenau, sob orientação da Professora Doutora Inge Renate Frose Suhr e autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do IFC (CEPSH). A pesquisa tem como objetivo compreender a autopercepção dos jovens ingressantes no ensino médio integrado do IFC *campus* Blumenau e os sentidos que atribuem à escola.

A participação do seu filho (a) se deve ao fato de que o mesmo se encontra matriculado no primeiro ano do Ensino Médio Integrado (EMI) no Instituto Federal Catarinense – *campus* Blumenau, que é o ano de interesse deste estudo.

Consideramos muito importante compreender a autopercepção dos jovens ingressantes no ensino médio integrado do IFC *campus* Blumenau e os sentidos que atribuem à escola, mas deixamos claro que a participação do seu filho (a) não é obrigatória e ele (a) tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como desistir da colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação e sem nenhuma forma de penalização. Ele (a) não sofrerá nenhum prejuízo caso decida não consentir na sua participação, ou desista da mesma, mas gostaríamos muito de poder contar com participação dele.

O estudante e seus responsáveis não receberão remuneração e nenhum tipo de recompensa por participar desta pesquisa, sendo a participação totalmente voluntária. É importante deixar claro que a escola está sabendo da pesquisa e

autorizou que ela ocorra, portanto, também não haverá nenhum tipo de cobrança dos professores ou da direção em relação à participação.

A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, o(a) senhor (a) poderá solicitar da pesquisadora, informações sobre a participação do seu filho (a) e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste termo.

O envolvimento de seu filho (a) consistirá em participar de grupos de discussão (entrevista coletiva) no qual serão trabalhados conteúdos associados a temas que envolvam sua história de vida, a realidade atual e projetos que ele tem para o futuro”, o que ocorrerá na escola e com consentimento dos professores.

Os benefícios relacionados com a colaboração do seu filho (a) nesta pesquisa serão indiretos, pois as informações coletadas fornecerão subsídios para ajudar a escola a compreender melhor o estudante do ensino médio integrado e com isso melhorar os processos de ensino aprendizagem.

A participação na pesquisa pode trazer alguns riscos, tais como o gasto de tempo, a situação incômoda de lembrar fatos desagradáveis, mas assumo que buscarei evitá-los ao máximo, garantindo o sigilo de informações e evitando riscos de dano emocional. Serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações por ele(a) prestadas. Qualquer dado que possa identificá-lo(a) será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa e o material será armazenado em local seguro. Ainda nesse sentido, informo que em casos de danos decorrentes da pesquisa, o participante será indenizado nos termos da Lei.

Os resultados da pesquisa originarão um artigo e um produto educacional que será apresentado no programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense como requisito para conclusão do mesmo e ficarão à disposição da Instituição.

Caso concorde com a participação do seu(sua) filho(a) nessa pesquisa, uma via deste termo ficará em seu poder e a outra será entregue a pesquisadora.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) do Instituto Federal Catarinense (IFC). O Comitê tem por objetivo assegurar os interesses dos sujeitos participantes de pesquisas científicas, em sua integridade e dignidade. Caso persistam dúvidas, sugestões e/ou denúncias após os esclarecimentos dados pela equipe científica desta pesquisa, o Comitê

estará disponível para atendê-lo. O CEPESH do IFC está localizado no IFC- *campus* Camboriú, atendendo pelo telefone (47) 2104- 0882 e endereço eletrônico cepsh@ifc.edu.br.

Desde já agradecemos sua participação!

Assinatura do Pesquisador Responsável

Simone Voltolini Olczyk

CPF: 928.640.159/00

Fone:47 99149-8484

Email: bysimoneartes@gmail.com

Endereço para correspondência:

Instituto Federal Catarinense – *campus* Blumenau.

Rua Bernardino José de Oliveira, nº 81

Fone (47) 3702-1700

Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do IFC:

Fone: (47) 3331-7800

e-mail cepsh@ifc-camboriú.edu.br

Declaro que entendi os objetivos e condições da participação do meu filho(a) na pesquisa e concordo com a participação.

Nome completo do (a) responsável:

Parentesco ou justificativa p/ guarda:

Assinatura:

APÊNDICE E - Termo de assentimento - Discentes

(RE) CONSTRUINDO OLHARES: CAMINHOS METODOLÓGICOS PARA CONHECER OS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO

Prezado (a) Estudante _____, você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada “(Re)construindo olhares: caminhos metodológicos para conhecer os estudantes do ensino médio integrado”, desenvolvida por Simone Voltolini Olczyk, discente do curso de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) do Instituto Federal Catarinense (IFC) *campus* Blumenau, sob orientação da Professora Doutora Inge Renate Frose Suhr e autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do IFC (CEPSH). A pesquisa tem como objetivo compreender a autopercepção dos jovens ingressantes no ensino médio integrado do IFC *campus* Blumenau e os sentidos que atribuem à escola.

Para dar conta desta tarefa, gostaria de solicitar sua concordância em participar de algumas entrevistas grupais, junto com outros estudantes de primeiro ano no IFC. Essas entrevistas grupais terão a característica de grupos de discussão, nos quais conversaremos sobre sua vida antes de se matricular nessa escola, a atualidade e seus projetos de futuro. Todas as atividades que realizarmos juntas serão no próprio IFC e com consentimento dos professores e da Direção Geral.

Garanto os grupos de discussão não exigirão que você venha à escola em outros dias ou horários fora do que já é normal nas suas atividades como estudante. Para que eu possa participar dos grupos de discussão e, possa também lembrar de nossas discussões depois, vou gravar (áudio) essas reuniões, mas você poderá ouvir a gravação e/ou sua transcrição para que possa fazer os cortes e ajustes que considerar necessários. Prometo também que tudo o que for dito nas reuniões será confidencial e seu nome nunca será citado, ou seja, quando a pesquisa for publicada, não será possível identificar você. Assumo ainda que tudo o que for dito nos grupos de discussão será usado cuidadosamente e apenas para a realização desta pesquisa.

Eu gostaria imensamente de ter sua participação, mas deixo claro que você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como desistir da

colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação e sem nenhuma forma de penalização. Também não sofrerá nenhum prejuízo caso decida não participar, ou desista da mesma, mas eu gostaria muito de poder contar com sua participação.

Você não receberá remuneração e nenhum tipo de recompensa por participar desta pesquisa, sendo a participação totalmente voluntária. É importante deixar claro que a escola está sabendo da pesquisa e autorizou que ela ocorra, portanto, também não haverá nenhum tipo de cobrança dos professores ou da direção em relação à participação. Seus pais/responsáveis também foram consultados e permitiram sua participação, caso você também concorde, nessa pesquisa.

A qualquer momento, durante ou depois da pesquisa, você poderá solicitar informações, o que poderá ser feito através dos meios de contato que estão a seguir. Se você concordar em participar, preencha e assine o termo abaixo. Uma cópia ficará comigo e outra com você.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) do Instituto Federal Catarinense (IFC). O Comitê tem por objetivo assegurar os interesses dos sujeitos participantes de pesquisas científicas, em sua integridade e dignidade. Caso persistam dúvidas, sugestões e/ou denúncias após os esclarecimentos dados pela equipe científica desta pesquisa, o Comitê estará disponível para atendê-lo. O CEPSH do IFC está localizado no IFC- *campus* Camboriú, atendendo pelo telefone (47) 2104-0882 e endereço eletrônico cepsh@ifc.edu.br.

Desde já agradeço sua participação!

Declaro ter compreendido como será a pesquisa acima descrita e aceito participar dos grupos de discussão.

Nome completo :

Assinatura:

Assinatura do Pesquisador Responsável

Simone Voltolini Olczyk

CPF: 928.640.159/00

Fone: 47 99149-8484

Email: bysimoneartes@gmail.com

Endereço para correspondência:

Instituto Federal Catarinense – *campus* Blumenau.

Rua Bernardino José de Oliveira, nº 81

Fone (47) 3702-1700

Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o

Comitê de Ética em Pesquisa do IFC:

Fone: (47) 3331-7800

e-mail cepsh@ifc-camboriú.edu.br

APÊNDICE F - Produto Educacional

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

(RE) CONSTRUINDO OLHARES: CAMINHOS METODOLÓGICOS PARA CONHECER OS JOVENS DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO



MESTRANDA: SIMONE VOLTOLINI OLCZYK

ORIENTADORA: PROFA. DRA. INGE RENATE FROSE SUHR

*(RE) CONSTRUINDO OLHARES: CAMINHOS
METODOLÓGICOS PARA CONHECER OS JOVENS DO
ENSINO MÉDIO INTEGRADO*

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática do ICMC/USP, cedido ao IFC e
adaptado pela CTI - Araquari e pelas bibliotecas do Campus de Araquari e Concórdia.

o42(olczyk, simone
(RE) CONSTRUINDO OLHARES: CAMINHOS METODOLÓGICOS
PARA CONHECER OS JOVENS DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO /
simone olczyk; orientador Inge Renate Fröse. --
BLUMENAU, 2020.
39 p.

Artigo (artigo) - Instituto Federal Catarinense,
campus Blumenau, Mestrado Profissional em Educação
Profissional e Tecnológica, BLUMENAU, 2020.

Inclui referências.

1. PRODUTO EDUCACIONAL - Sequência Didática. 2. É A
MINHA CARA - Primeiro encontro. 3. O QUE VALE A PENA
NA ESCOLA - Segundo encontro. 4. QUAL O SENTIDO DA
VIDA - Terceiro encontro. I. Fröse, Inge Renate. II.
Instituto Federal Catarinense. Mestrado Profissional
em Educação Profissional e Tecnológica. III. Título.

AUTORAS:

Simone Voltolini Olczyk

Currículo Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/0619174075499402>

E-mail: bysimoneartes@gmail.com

Profa. Dra. Inge Renate Frose Suhr

Currículo Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/5139664355375044>

E-mail: inge.suhr@ifc.edu.br

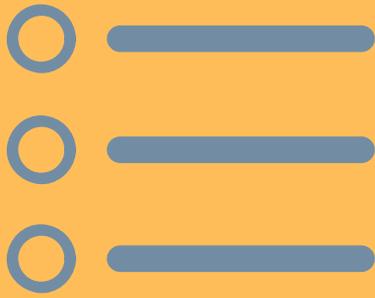
PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO:

Simone Voltolini Olczyk

IMAGENS:

<https://br.freepik.com/>

<https://canva.com/>



SUMÁRIO

- DESCRIÇÃO TÉCNICA DO PRODUTO | 04
- APRESENTAÇÃO | 05
- ETAPAS DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA (SD) | 06
- É A MINHA CARA - Primeiro encontro | 07
 - Como será o encontro | 08
 - Nome desenhado | 09
 - Auto-retrato desenhado | 11
 - Vídeo "Todos nós queremos ser jovens" | 13
 - Perdas e ganhos na adolescência | 15
- O QUE VALE A PENA NA ESCOLA - Segundo encontro | 18
 - Como será o encontro | 19
 - Vídeo feito pelos alunos: minha escola | 20
 - Aluno e escola - um diálogo possível? | 22
 - Dos sonhos à realidade | 24
 - Metas a curto prazo: meu compromisso | 26
- QUAL O SENTIDO DA VIDA - Terceiro encontro | 27
 - Como será o encontro | 28
 - Continuação: Metas a curto prazo: meu compromisso | 29
 - Entrevista comigo mesmo daqui a dez anos | 30
 - Leitura da crônica: "O louco" de Kahlil Gibran | 32
 - Expectativas profissionais | 33
 - Previsão de resultados | 35
- REFERÊNCIAS | 39

DESCRIÇÃO TÉCNICA DO PRODUTO

Nível de Ensino a que se destina o produto:

Ensino Médio Integrado à EPT - Educação Profissional e Tecnológica

Área de Conhecimento:

Ensino

Público Alvo:

Professores do Ensino Médio

Categoria deste produto: Sequência Didática (SD).

Finalidade: Fornecer aos docentes atuantes no ensino médio integrado à EPT, através de uma sequência didática, estratégias que possam ser utilizadas para melhor conhecerem os jovens com os quais atuam.

Registro do Produto: Biblioteca do IFC - Instituto Federal Catarinense - Campus Blumenau SC.

Origem do Produto: Desenvolvido no Mestrado em ensino ProfEPT - Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional

Disponibilidade: Irrestrita, mantendo-se o respeito a autoria do produto, não sendo permitido uso comercial por terceiros.

Organização do Produto:

A Sequência Didática elaborada tem o objetivo de fornecer estratégias que possam ser utilizadas pelos docentes para melhor conhecerem os jovens com os quais atuam. A proposta é a realização de grupos de discussão, nos quais sejam trabalhados conteúdos associados a temas que envolvam a origem, realidade atual e projetos futuros dos jovens. Para isto os grupos foram divididos em três categorias: "É a minha cara", "O que vale a pena na escola?" e "Qual o sentido da vida". As dinâmicas utilizadas em cada grupo de discussão são escolhas feitas a partir da análise de diversas pesquisas já disponíveis que partilham do mesmo objetivo proposto nesta SD. Duas delas foram inspirações importantes para a construção deste material: a coletânea "Cadernos temáticos: juventude brasileira e Ensino Médio", organizado por Licínia Maria Correa, Maria Zenaide Alves e Carla Linhares Maia e o livro "Aprendendo a Ser e a Conviver", organizado por Margarida Serrão e Maria Clarice Baleeiro."

Divulgação: Por meio digital.

URL:

Produto acessível no site do XXXXXXXX:

Idioma: Português:

Cidade: Blumenau / **País:** Brasil

Ano: 2020

APRESENTAÇÃO

"Qualquer projeto surge de uma ideia que brota ao mesmo tempo na cabeça e no coração de quem a pensa. Nasce, geralmente, da observação da realidade e se alimenta da visão que projetamos no futuro, na qual essa realidade se apresenta transformada." (SERRÃO e BALEEIRO, 1999, p. 43)

Apresentamos aqui uma sequência didática (SD) que tem como objetivo proporcionar estratégias que possam ser utilizadas pelos docentes atuantes no ensino médio integrado à educação profissional para melhor conhecerem os jovens com os quais atuam, contribuindo para que desenvolvam um olhar mais apurado em relação a estes estudantes, compreendendo-os como sujeitos que vivenciam a juventude de modos variados, construindo desta maneira uma visão de juventude em uma perspectiva diversificada.

Este material foi produzido no contexto da pesquisa de mestrado "(RE) CONSTRUINDO OLHARES: CAMINHOS METODOLÓGICOS PARA CONHECER OS JOVENS DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO", realizada entre 2019 e 2020. Sua aplicação se deu junto a professores e estudantes do Ensino Médio Integrado (EMI) de um Instituto Federal. Sugerimos a leitura do artigo, no qual os referenciais teóricos são discutidos com profundidade juntamente com os resultados obtidos após a aplicação desta SD.

É importante ressaltar que a SD é resultado da experimentação, realizada junto a uma pesquisa e por compreender que há uma grande diversidade de formas de viver a juventude, a mesma não tem a pretensão de servir como um manual a ser seguido, as atividades aqui sugeridas tem o objetivo de servir como suporte para que você professor as utilize e realize adaptações necessárias de acordo com sua realidade e a de seus alunos.

A SD está pronta! Acabada? Não, aqui começa sua construção, seu ponto de partida, são muitos os caminhos que você como educador pode trilhar.

Boa leitura!

ETAPAS DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA (SD)

A sequência didática apresentada neste produto educacional é composta por três encontros de 3 horas cada, com propostas de atividades que cada professor poderá desenvolver com seus alunos. São eles:

1. É A MINHA CARA!

**2. O QUE VALE A
PENA NA ESCOLA?**

**3. QUAL O SENTIDO
DA VIDA?**

É A MINHA CARA!

PRIMEIRO ENCONTRO

OBJETIVO:

Promover a reflexão sobre a construção de sua identidade. Durante este processo é comum o jovem mergulhar em questionamentos de si mesmo enquanto sujeito com características singulares. Embates com a família, com seus amigos, sua cultura e com a sociedade em geral são maneiras de descobrir-se único mas ao mesmo tempo parte de um todo que é composto por outros indivíduos. A temática identidade atravessa todo o processo de desenvolvimento pessoal e social dos jovens, constituindo-se no fundamento no qual as aprendizagens se organizam e se firmam (SERRÃO e BALEEIRO, 1999)



COMO SERÁ O ENCONTRO:

O primeiro encontro é dividido conforme as seguintes técnicas:

1 NOME DESENHADO

2 AUTO RETRATO DESENHADO

3 VÍDEO TODOS QUEREMOS SER JOVENS

4 PERDAS E GANHOS NA ADOLESCÊNCIA

A primeira técnica deve servir de ligação para a segunda e assim sucessivamente. Sugerimos que sejam utilizadas para tal as construções feitas pelo grupo em cada fase.

IMPORTANTE:

Nesse primeiro encontro o professor deve apresentar a SD e falar sobre os objetivos a serem atingidos com a utilização da mesma.



Mesmo que todos da turma já se conheçam e saibam seus nomes, é importante a realização da primeira técnica: Nome Desenhado.

Professor, faça você mesmo o teste, feche os olhos e lembre-se de sua infância/juventude, com qual nome você sentia acolhido?

TÉCNICA : NOME DESENHADO

Fonte: Livro Aprendendo a Ser e a Conviver

Objetivo: Estabelecer contato entre o professor e o grupo de modo positivo; conhecer o nome de cada um, possibilitando a individualização dentro do coletivo.

DESENVOLVIMENTO:

1. Grupo em círculo, sentado.
2. Colocar o material no meio da sala para uso comum. O papel ofício deve estar cortado ao meio, no sentido vertical .
3. Pedir que cada um construa seu nome (ou como gostaria de ser chamado) na tira de papel, de forma criativa e original, de modo que o nome se torne personalizado.

Material:

Papel ofício e giz de cera, canetão para quadro branco

É importante que o professor também participe da dinâmica apresentando seu nome ou como gostaria de ser chamado.

4. Quando todos terminarem, cada um deve apresentar o seu nome, contar a história dele (quem escolheu, por quê, etc) e falar como se sente em relação a ele (se gosta, se sente que esse nome lhe pertence, se tem apelidos, se gosta do apelido e como quer ser chamado).
5. Plenário: compartilhar os pontos que chamaram mais atenção.

Escrever no quadro as palavras positivas e negativas que os alunos relacionam ao seu nome é uma ótima maneira de iniciar o debate do Plenário.

COMENTÁRIO:

Trabalhar com o próprio nome é muito importante para que os adolescentes reflitam sobre sua origem. A questão do nome se torna muito reveladora e deve ser ponto de partida de todo o processo grupal.

É uma oportunidade para se trabalhar os apelidos desagradáveis, enfatizando o respeito aos demais, às suas preferências, ao modo como quer ser chamado, à imagem que deseja apresentar etc. O grupo deve ser estimulado a chamar cada participante pelo nome que este preferir.

Geralmente, esta dinâmica possibilita a expressão de sentimentos profundos, mobilizando igualmente quem fala e quem escuta. O papel do professor, neste momento, é ser o moderador dos conteúdos revelados.



TÉCNICA : AUTO-RETRATO DESENHADO

Fonte: Livro Aprendendo a Ser e a Conviver



Objetivo: Aprofundar a percepção de si mesmo; perceber as motivações que interferem nos pensamentos, sentimentos e ações.

Material:
Papel ofício, lápis, borracha e
lápis de cor ou de cera

DESENVOLVIMENTO:

1. Grupo em círculo, sentado.
2. Solicitar que desenhem na folha de papel uma figura humana de frente, da cabeça aos pés. Ao terminar, colocar o desenho no chão à sua frente. Olhar para a figura, entrar em contato com ela, dar-lhe uma identidade, uma vida e um nome.
3. Pedir a todos que, juntos, cada um no seu desenho, respondam por escrito às solicitações que lhes serão feitas, descritas a seguir:
 - Saindo da cabeça do personagem, fazer um balão com três ideias que ninguém irá modificar;
 - Saindo da boca, fazer um balão com uma frase que foi dita e da qual se arrependeu e outra frase que precisa ser dita e ainda não foi;
 - Do coração, sair uma seta, indicando três paixões que não vão se extinguir. Chamar a atenção do grupo para o fato de que o objeto da paixão não precisa necessariamente ser alguém, podendo tratar-se de uma ideia, uma atividade, etc.;
 - Na mão direita do personagem, escrever um sentimento que se tem disponível para oferecer;
 - Na mão esquerda, escrever algo que ele tem necessidade de receber;
 - No pé esquerdo, escrever uma meta que deseja alcançar;
 - No pé direito, escrever os passos que precisa dar em relação a essa meta.



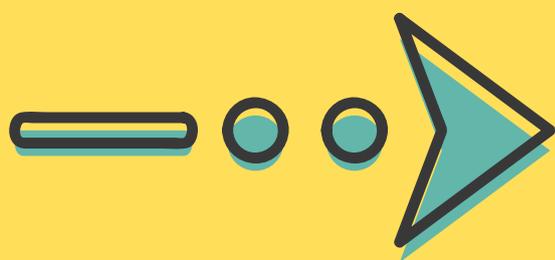
Professor, é importante que você faça em casa esta atividade e comece o Plenário com a sua apresentação.

DESENVOLVIMENTO:

4. Quando todos terminarem o que foi solicitado, pedir que mantenham contato com o personagem desenhado, procurando os pontos semelhantes e diferentes entre si e o personagem criado. Escrever no verso da folha as semelhanças e as diferenças encontradas.

5. Plenário:

- Apresentar para o grupo o seu personagem na terceira pessoa;
- Falar das semelhanças e das diferenças que o ligam a ele;
- O professor pontua os aspectos importantes nas falas de cada participante.



ATENÇÃO:

Durante a apresentação de cada personagem anotar no quadro as descrições para facilitar no momento de pontuar os aspectos importantes.

COMENTÁRIO:

Ao fazer o retrato solicitado e lhe dar vida, cada adolescente irá refletindo sobre si mesmo. É uma atividade rica, prazerosa, leve e descontraída. Contudo, algumas vezes, conteúdos pessoais mais profundos podem emergir, favorecendo a expressão de emoções intensas. Nesses momentos, o trabalho assume uma outra dimensão e o professor precisa estar preparado para não temer as emoções, para ser moderador das mesmas, escutá-las, acreditando ser um canal que possibilita ao adolescente o encontro consigo mesmo.

Conteúdos biográficos que estejam muito ligados à esfera da vida privada não devem ser estimulados. Caso o grupo faça perguntas mais íntimas, o adolescente precisa ser informado de que tem o direito à privacidade, podendo silenciar sem que isto signifique desconfiança ou afastamento.

TÉCNICA : VÍDEO "TODOS NÓS QUEREMOS SER JOVENS"

https://www.youtube.com/watch?v=-UTxmO_sNZA

Objetivo: Refletir sobre as mudanças que ocorreram no conceito de juventude ao longo do tempo, mostrando que em cada época houve um jeito diferente de ser jovem

DESENVOLVIMENTO:

1. Grupo sentado confortavelmente para assistir ao vídeo;

Material:
Projektor de imagens

Sugestão:
Transforme esse momento em uma verdadeira sessão de cinema. Pipoca para todos!



2. Pedir que atendem para as informações de como "ser jovem" mudou com o passar do tempo, que em cada época teve sua "maneira" de ser jovem;

3. Plenário:

- Falar das semelhanças e das diferenças do que se considera jovem atualmente e o que era ser jovem na época dos seus pais;
- O professor pontua os aspectos importantes nas falas de cada participante.

Não esqueça de anotar no quadro palavras chave de cada participante. Facilita no momento de pontuar os aspectos importantes.



COMENTÁRIO:

Ao debater sobre as mudanças que ocorreram no conceito de juventude com o passar do tempo os estudantes são levados a refletirem sobre o que é ser jovem atualmente. Será que é diferente do que foi na época de seus pais e avós? Quais as mudanças mais significativas? Ser jovem é uma construção social ou todos passam pelas mesmas coisas ao chegar em uma determinada idade?

TRANSFORMAÇÃO



?????????

?????????

JUVENTUDE

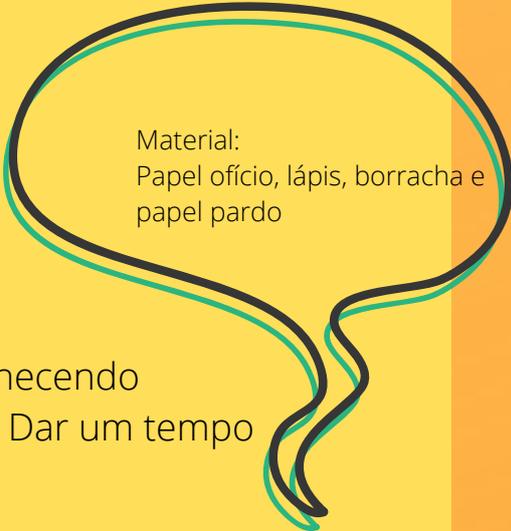
TÉCNICA : PERDAS E GANHOS NA ADOLESCÊNCIA

Fonte: Livro Aprendendo a Ser e a Conviver

Objetivo: Refletir sobre a adolescência, seus ganhos e suas perdas; descobrir diferenças e semelhanças entre as experiências individuais.

DESENVOLVIMENTO:

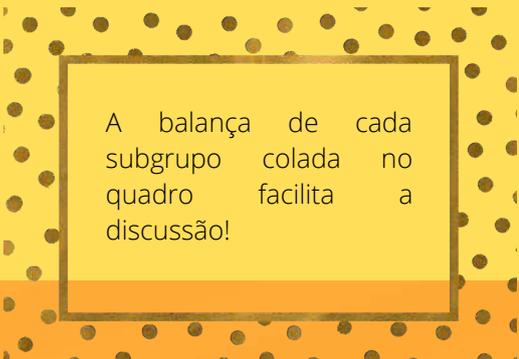
1. Grupo em círculo, sentado.
2. Cada participante recebe uma folha de papel ofício e um lápis.
3. Pedir que pensem em sua adolescência, reconhecendo os ganhos e as perdas vivenciados até o momento. Dar um tempo de aproximadamente 10 minutos.
4. Dividir a folha de papel ao meio sem parti-la, escrevendo de um lado as perdas e do outro os ganhos que consideram ter vivenciado. Dar um tempo de aproximadamente 10 minutos.
5. Em subgrupos, partilhar e comentar os escritos individuais, desenhando no papel pardo uma balança e colocando em seus pratos as perdas e os ganhos comuns encontrados a partir da discussão.
6. Cada subgrupo apresenta sua balança.
7. Plenário – comentar com o grupo as perdas e os ganhos na adolescência:



Material:
Papel ofício, lápis, borracha e papel pardo



- O que percebeu ao ouvir as perdas e os ganhos expressos pelo grupo?
- O que mais chamou a sua atenção?
- Quais os sentimentos que a atividade despertou em você?

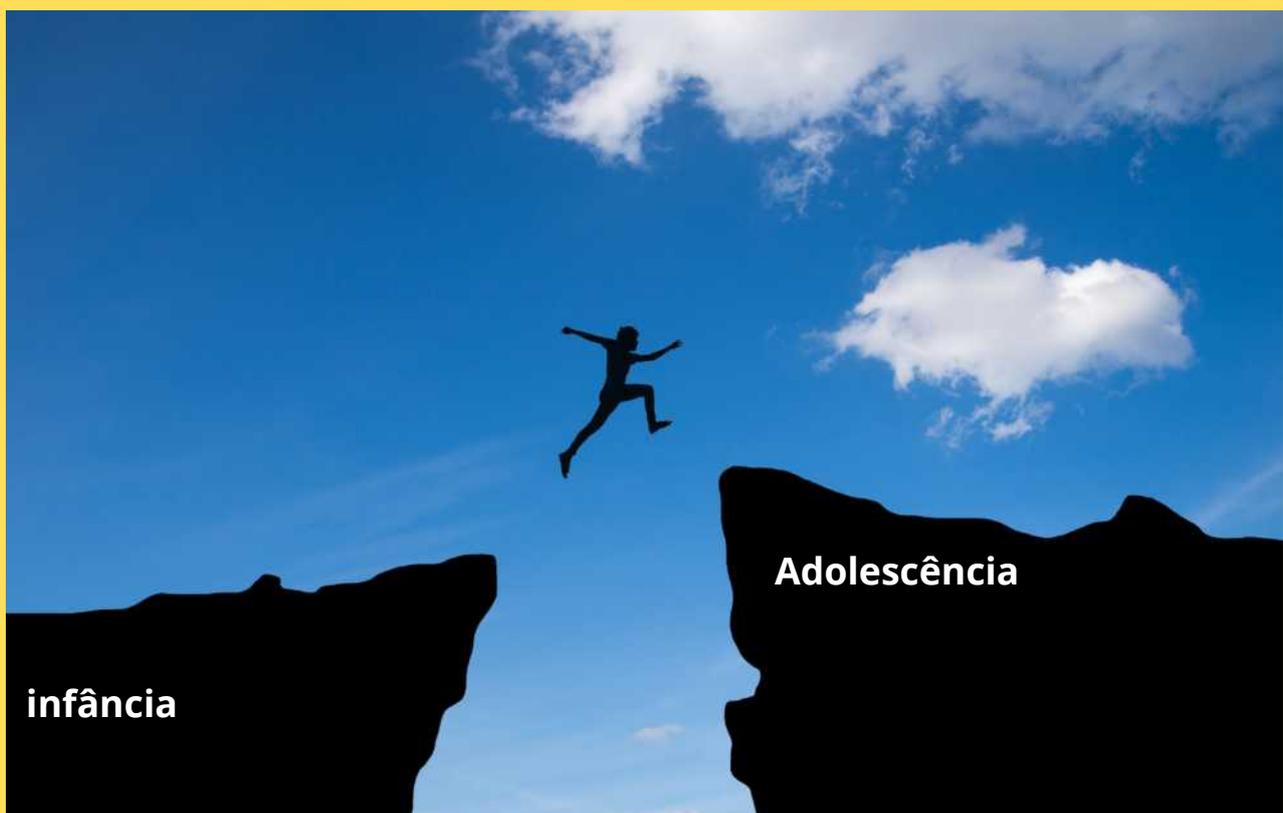


A balança de cada subgrupo colada no quadro facilita a discussão!

COMENTÁRIO:

Nesta atividade, cada adolescente reflete sobre o seu processo de crescimento e pode perceber o quanto ele contém de perdas e ganhos. É frequente que os adolescentes manifestem perdas referentes à inocência da criança, ao carinho dos pais, à “irresponsabilidade” infantil. Muitas vezes, essas perdas ganham peso diante de ganhos ainda não concretizados, como namoro, amor correspondido, reconhecimento dos adultos, liberdade.

É importante que o professor pontue o fato de que todo o processo de crescimento implica em ganhos e perdas. Crescer significa abrir mão de antigas formas de ser e estar no mundo. Este processo pode gerar sofrimento, embora seja também fonte de aquisições, alegrias, conquistas e prazer.



FINALIZANDO...

Para finalizar o encontro os jovens devem convidados a realizarem filmagens sobre a escola, que darão suporte para o segundo encontro, no qual se trabalha a temática "realidade atual". As filmagens devem ser de locais que os jovens considerem a representação da escola..



Combine de receber as filmagens antecipadamente até uma determinada data (que deve ser antes do próximo encontro). Estabeleça qual vai ser o canal para receber e avaliar as filmagens. Ex.: por e-mail, por watts app etc.

O QUE VALE A PENA NA ESCOLA?

SEGUNDO ENCONTRO

OBJETIVO:

Promover a reflexão com o grupo de modo que ajude os alunos a tomarem consciência do espaço escolar no qual estão inseridos e a formular questões sobre possíveis novas perspectivas para a escola.



COMO SERÁ O ENCONTRO:

O segundo encontro é dividido conforme as seguintes técnicas:

1 VÍDEO FEITO PELOS ALUNOS.

2 ALUNO E ESCOLA - UM DIÁLOGO POSSÍVEL?

3 DOS SONHOS A REALIDADE.

4 METAS A CURTO PRAZO: MEU COMPROMISSO.

A primeira técnica deve servir de ligação para a segunda e assim sucessivamente. Sugerimos que sejam utilizadas para tal as construções feitas pelo grupo em cada fase.

IMPORTANTE:

Nesse segundo encontro o professor já deve ter realizado uma seleção das imagens/vídeos que os alunos enviaram durante a semana.



Professor, faça também uma filmagem, qual o local da Instituição em que você trabalha que representa o que você considera como escola?

TÉCNICA : VÍDEO FEITO PELOS ALUNOS: MINHA ESCOLA

Objetivo: Iniciar a discussão do tema "qualidade da educação".

DESENVOLVIMENTO:

1. Grupo sentado confortavelmente para assistir aos vídeos.
2. Pedir que ao assistirem aos vídeos reflitam o que as imagens têm em comum.

Material:
Projetor de Imagens



4. Dividir a turma em grupos. Cada subgrupo deve discutir e chegar a um conceito do que seria uma "escola ideal". Dar um tempo de aproximadamente 10 minutos.
5. Cada subgrupo apresenta seu conceito de escola ideal.
7. Plenário – comentar com o grupo:
 - é possível termos um único conceito de "escola ideal"?
 - o conceito de "escola ideal" e "escola dos sonhos" pode ser o mesmo? Qual a diferença?

COMENTÁRIO:

Trata-se de uma atividade de reflexão com a finalidade de levantar subsídios para o aprofundamento da discussão sobre a escola e a educação que será realizado nas próximas duas técnicas: ALUNO E ESCOLA – UM DIÁLOGO POSSÍVEL? e DOS SONHOS A REALIDADE.



A "escola dos
sonhos" é um
lugar...

TÉCNICA : ALUNO E ESCOLA – UM DIÁLOGO POSSÍVEL?

Fonte: Livro Aprendendo a Ser e a Conviver

Objetivo: Sensibilizar para a discussão do tema qualidade da educação; estimular o protagonismo juvenil na escola.

DESENVOLVIMENTO:

1. Grupo em círculo, sentado.
2. O professor passa pelo grupo uma caixinha com cartões, com as letras A e E, solicitando que cada participante retire para si um cartão.
3. Os participantes formam duas filas, de acordo com a letra sorteada. Os adolescentes que retiram a letra A farão o papel de alunos e os que retiram a letra E, de escola. Colocar as filas sentadas frente a frente. O professor pede que se concentrem, entrando no seu papel – sentir-se como escola, sentir-se como aluno.
4. O professor explica ao grupo que dará início a um diálogo sucessivo entre a escola e o aluno. Neste diálogo, os representantes da escola devem colocar o que pensam sobre o aluno e os representantes do aluno devem colocar o que pensam sobre a escola.

Material:

Caixa contendo cartões com as letras A e E em igual quantidade.

Atenção:

Caso o grupo seja grande, acima de 25 participantes, deve-se evitar o rodízio de papéis para não tornar a atividade cansativa.



5. Iniciar o diálogo, alternando as falas: escola, aluno, escola, aluno e assim sucessivamente.
6. Fazer o rodízio dos papéis, de modo que todos respondam a ambas as questões.
7. Plenário – o professor discute com o grupo os seguintes pontos:
 - Que papel lhe foi mais difícil representar? Por quê?
 - O que pôde concluir da atividade?
 - De tudo, o que considera mais importante?

Coloque as respostas da escola e do aluno em colunas separadas no quadro. Peça que examinem o painel antes de responderem as questões do plenário.

COMENTÁRIO:

Trata-se de uma dinâmica com a finalidade de levantar subsídios para o aprofundamento da discussão sobre a escola e a educação que se tem, oportunizando a reflexão sobre a necessidade e importância de uma educação de qualidade para uma efetiva construção da cidadania e mudança social.

A partir das colocações trazidas pelos adolescentes, o professor pode perceber as insatisfações e dificuldades mais urgentes, buscando com o grupo suas causas e levantando as possíveis soluções, estimulando a participação de cada um no processo de transformação da escola, espaço privilegiado de aprendizado e vivência da cidadania.

Na busca de soluções, é importante que seja discutidas e identificadas possibilidades reais de ação e os meios disponíveis, na comunidade escolar, para sua viabilização. Exemplo: grêmios, colegiados escolares, associação de pais, assembleias, grupos ou atividades culturais.



TÉCNICA : DOS SONHOS À REALIDADE

Fonte: Livro Aprendendo a Ser e a Conviver

Objetivo: Discutir a participação do adolescente na "construção" da Escola.

DESENVOLVIMENTO:

1. Formar quatro subgrupos.
2. Solicitar que cada subgrupo discuta a questão "Como posso contribuir para transformar a Escola dos meus sonhos em realidade?, tendo como enfoque contextos diferentes, indicados pelo professor:
 - Minha relação comigo mesmo;
 - Minha relação com a família;
 - Minha relação com a escola;
 - Minha relação com a comunidade.
3. Quando os subgrupos tiverem terminado a discussão, pedir que apresentem suas conclusões de forma criativa – dança, dramatização, música, mímica, jogral, etc.
4. Apresentação dos subgrupos.
5. Plenário – comentar as apresentações, evidenciando os pontos que mais chamaram a atenção.

Marcar tempo para
preparação da
apresentação.



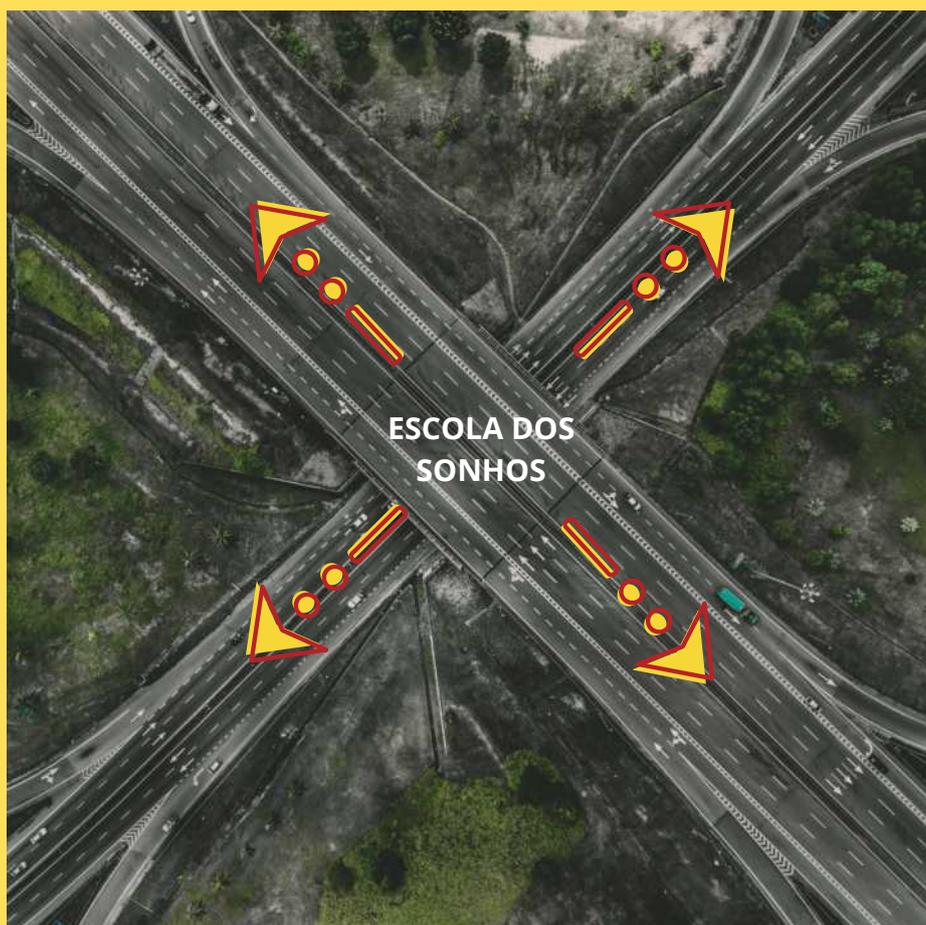
Fechamento: o professor pontua para o grupo a importância do compromisso de cada um com a transformação da Escola, chamando a atenção para as ações práticas e o papel que os jovens são capazes de assumir perante ela.



COMENTÁRIO:

Esta etapa do trabalho aproveita os desejos dos adolescentes em relação a Escola dos Sonhos, trazendo-os para a realidade, propiciando uma reflexão sobre ações viáveis.

O uso de vários contextos amplia o olhar do jovem e aprofunda a discussão sobre o que ele é capaz de realizar para transformar o ambiente em que vive. O professor pode realizar diversas variações, dependendo das necessidades do grupo, sempre enfatizando a importância das ações por mais simples que pareçam ser.



TÉCNICA : METAS A CURTO PRAZO: MEU COMPROMISSO

Fonte: Livro Aprendendo a Ser e a Conviver

Objetivo:

Familiarizar-se com o conceito de metas;
estabelecer metas;
comprometer-se com uma meta a curto prazo.

DESENVOLVIMENTO:

1. Grupo em círculo, sentado.
2. Pedir aos participantes que estabeleçam uma meta para alcançar no espaço de uma semana. Solicitar que procurem essa meta no cotidiano imediato: família, escola, grupo, trabalho etc.
3. O professor registra numa folha de papel o nome de cada participante e a meta proposta.
4. Uma semana depois, o professor verifica com cada participante se sua meta foi alcançada, pedindo que justifique sua realização ou não realização.
5. No caso da meta não ter sido alcançada, discutir os passos que teriam sido necessários para que o objetivo proposto fosse atingido.
6. Plenário – discutir os seguintes pontos:
 - O que lhe chamou mais a atenção neste trabalho? Por quê?
 - O que você considera necessário para estabelecer metas?
 - O que você considera necessário para alcançar as metas estabelecidas?

Material:
Folha de papel para registro
do professor.



Professor não esqueça de registrar sua meta!

COMENTÁRIO:

Este trabalho leva o jovem a dar-se conta não só de suas possibilidades, impossibilidades, potencialidades e limites, como também das atitudes necessárias ao estabelecimento e alcance de metas.

A dinâmica deve ser iniciada no final de um encontro, já que exige uma semana para a realização da tarefa.



QUAL O SENTIDO DA VIDA?

TERCEIRO ENCONTRO

OBJETIVO:

Promover a reflexão a respeito de temas como escolha profissional, realização pessoal e metas.



COMO SERÁ O ENCONTRO:

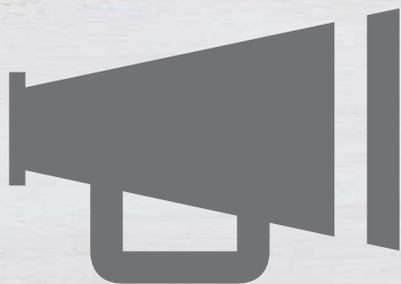
O terceiro encontro é dividido conforme as seguintes técnicas:

- 1 FINALIZAÇÃO DA TÉCNICA: METAS A CURTO PRAZO: MEU COMPROMISSO.
- 2 ENTREVISTA COMIGO MESMO DAQUI A DEZ ANOS.
- 3 LEITURA DA CRÔNICA “O LOUCO” DE KAHLIL GIBRAN.
- 4 EXPECTATIVAS PROFISSIONAIS.
- 5 PREVISÃO DE RESULTADOS.

A primeira técnica deve servir de ligação para a segunda e assim sucessivamente. Sugerimos que sejam utilizadas para tal as construções feitas pelo grupo em cada fase.

IMPORTANTE:

Nesse terceiro encontro o professor deve realizar uma avaliação dos encontros. Devem ser considerados os pontos positivos e os pontos que podem ser melhorados.



Professor, sua meta foi fácil de atingir? Quais as dificuldades?

TÉCNICA : CONTINUAÇÃO:METAS A CURTO PRAZO: MEU COMPROMISSO

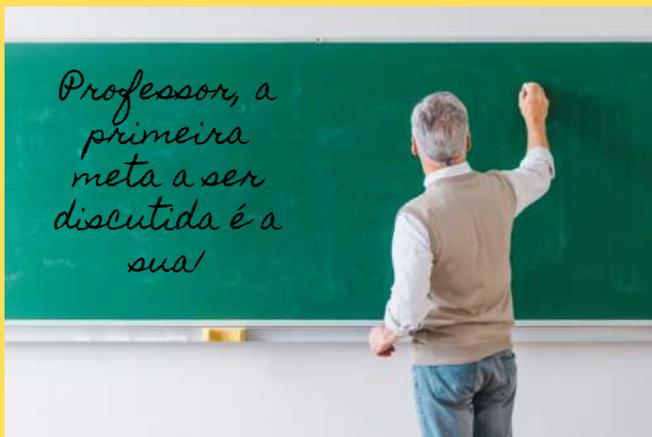
Fonte: Livro Aprendendo a Ser e a Conviver

Objetivo: Familiarizar-se com o conceito de metas; estabelecer metas; comprometer-se com uma meta a curto prazo.

DESENVOLVIMENTO:

1. Grupo em círculo, sentado.
2. O professor verifica com cada participante se sua meta foi alcançada, pedindo que justifique sua realização ou não realização.

Material:
Folha de papel com o registro das Metas feitas no encontro anterior.



3. No caso da meta não ter sido alcançada, discutir os passos que teriam sido necessários para que o objetivo proposto fosse atingido.
4. Plenário – discutir os seguintes pontos:
 - O que lhe chamou mais a atenção neste trabalho? Por quê?
 - O que você considera necessário para estabelecer metas?
 - O que você considera necessário para alcançar as metas estabelecidas?

COMENTÁRIO:

Este trabalho leva o jovem a dar-se conta não só de suas possibilidades, impossibilidades, potencialidades e limites, como também das atitudes necessárias ao estabelecimento e alcance de metas.

A dinâmica deve ser iniciada no final de um encontro, já que exige uma semana para a realização da tarefa.

TÉCNICA : ENTREVISTA COMIGO MESMO DAQUI A DEZ ANOS

Fonte: Livro Aprendendo a Ser e a Conviver

Objetivo: Possibilitar o aparecimento das fantasias dos adolescentes em relação ao futuro; discutir as metas que gostariam de alcançar durante os próximos dez anos..

DESENVOLVIMENTO:

Alternativa 1

1. Grupo em círculo, sentado.
2. Pedir que fechem os olhos e pensem na pessoa que são hoje. O professor deve dizer a data do dia, incluindo o ano.
3. Solicitar que dêem um salto no tempo e se imaginem dez anos depois. Visualizar-se nesse novo tempo: como estão, o que estão fazendo, com quem estão. Dar um tempo de aproximadamente 10 minutos.
4. Dizer ao grupo que, ao abrir os olhos, todos, inclusive o professor, estarão dez anos mais velhos. O professor fala a data do dia acrescida de mais dez anos. Abrir os olhos.
5. Cada participante deve contar ao grupo o que realizou nesses dez anos, como está sua vida pessoal e profissional, o que conseguiu, como se sente.
6. Quando todos tiverem falado de si, pedir que fechem novamente os olhos e se recordem de como eram dez anos atrás. O professor diz a data do dia e do ano atual, trazendo-os de volta.
7. Abrir os olhos e reencontrar-se no presente.
8. Plenário – discutir os seguintes pontos:
 - É difícil imaginar o futuro? Por quê?
 - O que mais lhe chamou a atenção em você mesmo e/ou nos demais?
 - O que é preciso para realizar seus sonhos? O que você pode fazer agora para que esses sonhos se transformem em realidade?



9.Fechamento: o professor pontua para o grupo que as escolhas que fazemos no presente são orientadas pela visão de futuro que projetamos para nós mesmos.

COMENTÁRIO:

O ponto principal do trabalho é fazer com que os adolescentes possam discutir seus sonhos e perceber suas possibilidades e limites.

A atividade fornece ao professor um diagnóstico do grupo em relação ao projeto de vida – que metas os adolescentes pretendem alcançar e que visão de futuro constroem para si.

É importante trabalhar a projeção que o adolescente faz da sua vida no futuro, porque é essa imagem que o leva a investir no seu presente, enfrentando as dificuldades e ultrapassando as barreiras em direção à situação desejada.



TÉCNICA : LEITURA DA CRÔNICA “O LOUCO” DE KAHLIL GIBRAN

Fonte: : a coletânea “Cadernos temáticos: juventude brasileira e Ensino Médio”

Objetivo: Discutir a influência de outras pessoas em escolhas futuras.

DESENVOLVIMENTO:

1. Grupo em círculo, sentado.
2. Ler o texto: “O louco”



" No pátio de um manicômio encontrei um jovem com rosto pálido, bonito e transtornado. Sentei-me junto a ele sobre a banqueta e lhe perguntei:

- “Por que você está aqui?”

Olhou-me com olhar atônito e me disse:

- “É uma pergunta pouco oportuna a tua, mas vou respondê-la.

Meu pai queria fazer de mim um retrato dele mesmo, e assim também meu tio. Minha mãe via em mim a imagem de seu ilustre genitor. Minha irmã me apontava o marido, marinheiro, como o modelo perfeito para ser seguido. Meu irmão pensava que eu devia ser idêntico a ele: um vitorioso atleta. E mesmo meus mestres, o doutor em filosofia, o maestro de música e o orador, eram bem convictos: cada um queria que eu fosse o reflexo de seu vulto em um espelho. Por isso vim para cá. Acho o ambiente mais sadio. Aqui pelo menos posso ser eu mesmo.”

(Kahlil Gibran, Para além das palavras)

2. A partir da leitura, conversar sobre a influência dos adultos, sobretudo do pai e da mãe, em escolhas que determinarão seu futuro.
3. Roteiro para problematização:
 - Em relação à influência do pai e da mãe, em que ajuda? Em que atrapalha?
 - Em relação à minha realização profissional e pessoal: qual é o meu sonho, qual é a minha realidade?

COMENTÁRIO:

O ponto principal da atividade é que os jovens possam refletir até que ponto outras pessoas podem interferir em suas escolhas/decisões.

TÉCNICA : EXPECTATIVAS PROFISSIONAIS

Fonte: Livro Aprendendo a Ser e a Conviver

Objetivo: Sensibilizar para a escolha profissional; ampliar a percepção sobre os interesses pessoais.

DESENVOLVIMENTO:

1. Grupo em círculo, sentado.
2. Distribuir as fichas de trabalho, solicitando que, individualmente, completem as frases, sem identificar-se. Dar um tempo de aproximadamente 10 minutos.
3. Recolher e redistribuir as fichas aleatoriamente.
4. Pedir que cada participante comente as respostas da ficha que recebeu, dando sua opinião a respeito delas.
5. Plenário – discutir os seguintes pontos:
 - Você já pensou em escolher uma profissão?
 - O que você acha que pode acontecer com alguém que escolhe uma profissão ao acaso?
 - Quais os critérios que devem nortear a escolha profissional?
 - Qual a influência dos adultos na sua escolha profissional?

Material:

Ficha de trabalho e lápis.

obs.: a ficha de trabalho encontra-se na próxima página.



COMENTÁRIO:

A escolha profissional é um momento importante na vida do adolescente. Essa escolha está relacionada com a sua história, experiências pessoais e o seu projeto de vida. É necessário que o professor aproveite a dinâmica para explorar esses aspectos, fazendo com que o jovem mergulhe na sua visão do futuro, entre em contato com seu desejo, discutindo suas possibilidades, seus sonhos e os meios para realiza-los. Assim procedendo, escolher se tornará mais fácil. Está atividade pode ser usada para iniciar a discussão sobre o tema da escolha profissional.



FICHA DE TRABALHO

Complete as frases a seguir:

1. Eu sempre gostei de _____
2. Meus pais gostariam que _____
3. Me imagino no futuro fazendo _____
4. Quando criança, eu queria _____
5. Meus professores pensam que eu _____
6. No mundo em que vivemos, vale mais a pena _____
do que _____
7. Se não estudasse, eu _____
8. Prefiro _____
do que _____
9. Não consigo me ver fazendo _____
10. Quando me perguntam sobre minha futura profissão, eu _____

11. Para escolher minha profissão, levo em consideração _____

TÉCNICA : PREVISÃO DE RESULTADOS

Fonte: Livro Aprendendo a Ser e a Conviver

Objetivo: Pensar sobre o futuro, considerando as consequências de certas decisões.

DESENVOLVIMENTO:

1. Grupo em círculo, sentado.
2. Iniciar a conversa sobre tomada de decisão, lançando aos participantes as perguntas:
 - Quando temos uma decisão a tomar, o que nos acontece?
 - Como nos sentimos?
 - Como procedemos?
3. Incentivar os participantes para que expressem os diversos sentimentos e atitudes envolvidos no processo de tomada de decisão – dúvidas, medo de se arrepender ou de errar, ansiedade etc.
4. Pedir ao grupo que mencione várias decisões que deverão tomar nos próximos dias.
5. Explicar que farão uma atividade relacionada à tomada de decisão e distribuir a ficha de trabalho. Pedir que leiam com atenção cada decisão ou ação, colocando ao lado o que essa decisão acarretaria para si.
6. Quando todos tiverem terminado, o professor lerá em voz alta as decisões da ficha de trabalho, anotando no quadro-negro ou papel metro todos os resultados possíveis para cada uma delas.
7. Plenário – discutir com o grupo os seguintes pontos:
 - Houve participantes que previram os mesmos resultados para algumas das ações?
 - É possível prever diferentes resultados para as mesmas ações?
 - É importante analisar todos os possíveis resultados de uma ação antes de tomarmos uma decisão? Por quê?
 - As pessoas controlam seu próprio “destino” ou o “destino” controla a vida das pessoas?

Material:

Ficha de trabalho e lápis, borracha, quadro-negro e giz ou papel metro e pilot.

obs.: a ficha de trabalho encontra-se na próxima página.



9.Fechamento: pedir aos participantes que digam ao grupo que lição tiraram da atividade, chamando a atenção para o fato de que cada decisão tomada vai desenhando a trajetória de vida do indivíduo.

COMENTÁRIO:

A tomada de decisão envolve uma série de elementos, como medo, ansiedade, dúvidas, tensões, que necessitam ser trabalhados cuidadosamente com o grupo. Esta atividade possibilita o emergir das dificuldades e a percepção do processo de decidir, propiciando uma reflexão sobre o que impede e o que facilita a tomada de decisão de cada um, assim como sobre as consequências positivas e negativas que as decisões acarretam.

As ações da ficha de trabalho podem e devem ser modificadas ou substituídas em função do grupo que está sendo trabalhado.



FICHA DE TRABALHO

PREVISÃO DE RESULTADOS

O que aconteceria se...

1. Abandonasse a escola? _____

2. Eu saísse de casa? _____

3. Nunca me casasse? _____

4. Não conseguisse emprego? _____

5. Casasse cedo? _____

6. Tivesse um filho nos próximos seis meses? _____

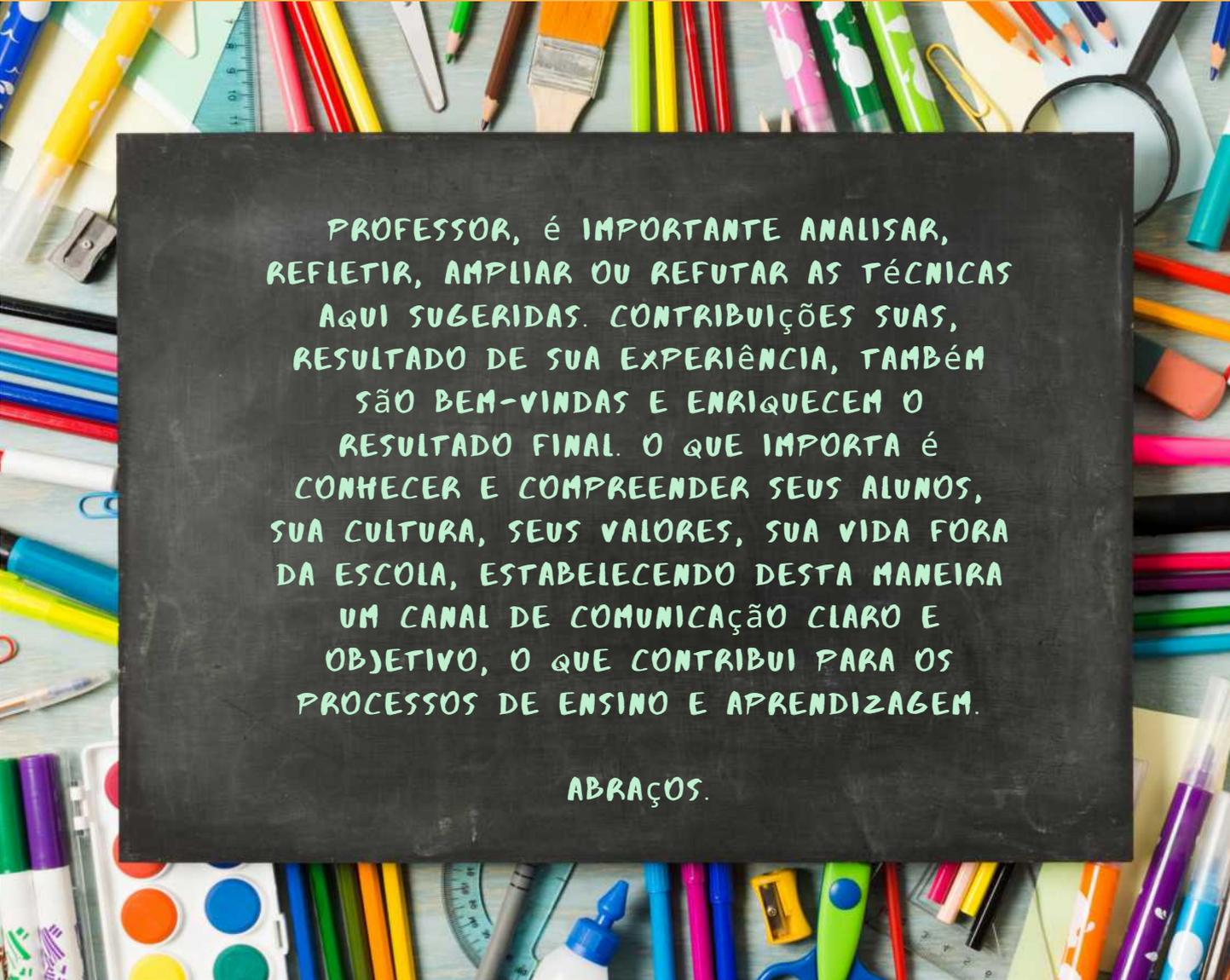
7. Não conseguisse emprego depois de formado na minha área? _____

8. Fosse para a faculdade? _____

9. Reprovasse na escola? _____

10. Ficasse seriamente doente? _____

11. Perdesse meus pais? _____



PROFESSOR, é IMPORTANTE ANALISAR,
REFLETIR, AMPLIAR OU REFUTAR AS TÉCNICAS
AQUI SUGERIDAS. CONTRIBUIÇÕES SUAS,
RESULTADO DE SUA EXPERIÊNCIA, TAMBÉM
SÃO BEM-VINDAS E ENRIQUECEM O
RESULTADO FINAL. O QUE IMPORTA É
CONHECER E COMPREENDER SEUS ALUNOS,
SUA CULTURA, SEUS VALORES, SUA VIDA FORA
DA ESCOLA, ESTABELECENDO DESTA MANEIRA
UM CANAL DE COMUNICAÇÃO CLARO E
OBJETIVO, O QUE CONTRIBUI PARA OS
PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM.

ABRAÇOS.

REFERÊNCIAS:

CORREA, Lúcia Maria; ALVES, Maria Zenaide; MAIA, Carla Linhares. Cadernos temáticos: juventude brasileira e Ensino Médio. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

SERRÃO, Margarida. BALEEIRO, Maria Clarice. Aprendendo a ser e a conviver. [colaboradores Feizi M. Milani, Gisele Ribeiro e Kátia Queiroz], _ São Paulo: FTD, 1999.

BOX 1824. Todos nós queremos ser jovens. 2010. (09m30s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-UTxmO_sNZA>. Acesso em: 01 set. 2019.